

A desgraça

A ascensão e queda de Humberto Esmeraldo Barreto, que o

do "predileto"

"grupo palaciano" queria fazer presidente do Brasil em 1985

Por Antônio Carlos Queiroz, Denise Cunha e Teodomiro Braga (texto final)

A denúncia do general Hugo de Andrade Abreu de que o chamado "grupo palaciano" pretende "perpetuar-se no poder" não foi apenas uma força de expressão: segundo revelou-se recentemente, o grupo comandado pelo general Golbery do Couto e Silva, assim que conseguiu consolidar a candidatura do general João Baptista Figueiredo à Presidência da República, começou a articular a estratégia para fazer o seu sucessor. Cogitou, pasme-se, fazer do ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Humberto Esmeraldo Barreto, o sucessor de Figueiredo, de forma a assegurar através dele a manutenção do grupo no poder até 1991!

Contudo, se o povobrasileiro não conseguiu escapar do governo Figueiredo, de um governo Esmeraldo Barreto, pelo menos parece que estamos salvos. Ao contrário de Figueiredo - que, seguindo o roteiro cuidadosamente traçado pelo "grupo palaciano", manteve máxima discrição durante todo o governo atual, para não desgastar a sua "candidatura" - Esmeraldo Barreto enfiou os pés pelas mãos e, antes mesmo da posse do novo governo, se expôs de tal forma que jogou por terra todos os planos sobre sua carreira política.

A história da ascensão de Humberto Esmeraldo Barreto - há 5 anos atrás um mero desconhecido - e de sua inclinação decadência mostra não apenas o fracasso de um projeto político do grupo que pretende perpetuar-se no poder, mais do que isto, revela - de forma contundente alguns aspectos intrínsecos do regime: o seu caráter oligárquico denunciado pelo general Hugo Abreu, a imoralidade, o favoritismo, a delação, a intriga e a corrupção.

No início de 1974, quando foi escolhido para assumir a Assessoria de Imprensa da Presidência da República, quase nada se sabia da obscura existência de Humberto Esmeraldo Barreto, além de que era uma espécie de filho adotivo do novo presidente. Na época, muitos chegaram a indentificá-lo erradamente como sobrinho da esposa de Geisel, dona Lucy. A intimidade com Geisel, de qualquer forma, era a grande arma com que Esmeraldo contava para fazer sua carreira política.

Cearense que emigrou para o Rio com 17 anos, em 1949, Esmeraldo Barreto certamente jamais teria passado de funcionário burocrático da Caixa Econômica Federal se a fatalidade não o tivesse aproximado de forma dramática do general Geisel, em 1957. Nesse ano, o filho de Geisel, Orlando, morreu atropelado por um trem, quando andava de bicicleta sobre a linha férrea, nas proximidades do quartel de Quitaúna, em São Paulo, comandado pelo coronel Ernesto Geisel. Profundamente abalado com a morte do único filho homem, então com apenas 17 anos, Geisel praticamente adotou o amigo e companheiro de férias escolares de Orlando, Humberto Esmeraldo Barreto, fazendo-o membro da família. Aos poucos, Barreto tornou-se uma espécie de secretário permanente de Geisel, encarregado de cuidar de seus negócios pessoais, desde pagamentos até a compra de terrenos.

Com o golpe militar de 1964, Humberto Barreto via sua carreira ascender rapidamente. Geisel tornou-se chefe do Gabinete Militar do novo governo e, com isso, de simples funcionário da Caixa Econômica Federal Barreto chegou rapidamente a diretor da Carteira de Consignações, membro e depois vice-presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas. A ascensão de Costa e Silva à Presidência, porém, significou o afastamento da administração federal de todas as pessoas ligadas ao esquema de Castelo, e Barreto, afastado da Caixa, não teve outra alternativa senão passar a vender material de construção na Barra da Tijuca.

Quando Geisel foi escolhido presidente da Petrobrás, em 1969, durante o governo Médici, levou Humberto Barreto para assessorá-lo; em pouco tempo, Barreto já era diretor financeiro de uma das principais subsidiárias da Petrobrás, a Dispetro.

Com a escolha de Geisel para suceder Médici na Presidência da República, Humberto Barreto chegou finalmente a ocupar um cargo no Palácio do Planalto, sendo escolhido assessor de imprensa da Presidência da República, embora nunca tivesse entrado numa redação de jornal - o que, na verdade, não fazia muita diferença, pois o secretário particular de Geisel, que exigia ser chamado de professor, Heitor de Aquino, também nunca deu uma aula sequer, enquanto o chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva, jamais foi general (encerrou sua carreira militar no posto de coronel).

Humberto Barreto estava cogitado para ser o chefe do Gabinete Civil de Geisel, enquanto Golbery seria o ministro do Planejamento, sendo Reis Veloso deslocado para o Ministério do Interior. Mas como Veloso insistiu para continuar à frente do Ministério do Planejamento, Geisel aca-

bou nomeando Golbery chefe da Casa Civil, e a Humberto não sobrou outro cargo senão a Assessoria de Imprensa.

Barreto pretendia ocupar um posto de maior relevância - senão chefe da Casa Civil, na pior das hipóteses governador do Distrito Federal - e, por isto foi para a Assessoria de Imprensa profundamente contrariado. Mas disposto a lutar por um lugar melhor na primeira oportunidade que surgisse.

Ao contrário do que se supõe hoje, o chamado "grupo palaciano" comandado por Golbery nunca atuou de forma inteiramente coesa, e tampouco Humberto Barreto integrava o grupo desde a posse de Geisel. Na verdade, o "grupo palaciano" atravessou todos estes anos em constante luta intestina por maior influência ou melhores cargos e, por conseguinte, com cada um desconfiando mais do outro.

A primeira providência de Esmeraldo Barreto assim que assumiu a Assessoria de Imprensa da Presidência foi transferir seu gabinete de assessor, que ficava no 2º andar, para o 1º andar, de forma a ficar o mais perto possível do presidente. Sabia Barreto que a sua única - e grande - vantagem em relação aos demais auxiliares de Geisel estava em suas reconhecidas ligações com ele. De todos os membros do governo, apenas Humberto Barreto desfrutava da intimidade familiar do presidente. Na verdade, desde a morte do filho Orlando, Geisel praticamente abandonou o convívio social e não gosta de receber visitas nem de antigos companheiros de farda. A única exceção era para Barreto, a quem dona Lucy devota verdadeira adoração.

Assim que assumiu, Geisel mandou construir um apartamento na granja do Riacho Fundo para que Barreto e sua esposa, dona Lilian, passassem lá os fins de semana. Nesses dias, como faziam há 20 anos, os casais Barreto e Geisel passavam as tardes jogando infundáveis partidas de "biriba". Um de seus raros divertimentos, Geisel não gosta de perder. "Na mesma hora, joga as cartas para cima", revelou recentemente a revista (1) *Veja* um de seus auxiliares. "E frequentemente, quando precisava conseguir de Geisel alguma coisa, Humberto deixava que o presidente ganhasse as partidas", contaram em seu livro sobre a sucessão presidencial os jornalistas André Gustavo Stumpf e Merval Pereira Filho, que durante 4 anos fizeram cobertura jornalística do Palácio do Planalto (2).

Em sua luta para ascender a um posto mais alto no governo, Barreto teve diversos atritos com o general Golbery, cujo cargo sempre ambicionou. Em 1975, por ocasião da escolha do interventor do novo Estado do Rio, tentou sem sucesso influir para que o escolhido fosse o general Golbery e, assim, ele fosse promovido para a chefia do Gabinete Ci-



Humberto Esmeraldo Barreto, de obscuro funcionário público e "predileto" de Geisel, a presidente da República. E agora? Ele voltará?

vil. Segundo lembram os jornalistas André Gustavo e Marcel Pereira (3), nas vésperas do governo anunciar o nome do interventor do Rio, Barreto informou a imprensa que seria o general Golbery. O escolhido, porém, acabou sendo almirante Faria Lima.

Quando o coronel Moraes Rego foi promovido a general-de-brigada e transferido para Campinas, Barreto tentou também substituí-lo como assessor especial de Geisel, chegando a fazer sondagens junto a jornalistas para ocupar o lugar. A notícia de sua nomeação como novo assessor especial chegou a ser divulgada, mas novamente houve blefe, e o escolhido foi o coronel Wilberto Lima.

Em meados de 1975, quando Golbery teve de afastar-se temporariamente do governo para tratamento de saúde, Barreto passou a pleitear abertamente a chefia da Casa Civil, outra vez sem sucesso. Contudo, assim que retomou suas funções no governo, Golbery recorreu a toda a sua experiência para afastar o rival do Palácio do Planalto. Segundo a *Folha de S. Paulo*, de 15 de outubro passado, em sua campanha de intrigas para incompatibilizar Barreto com o Planalto, Golbery usou contra ele "argumentos dos maiores adversários, os militares chetinhos pelo ministro Sylvio Frota". No início do ano passado, Barreto foi eleito chefe da Assessoria de Imprensa da Presidência e nomeado presidente da Caixa Econômica Federal.

Sem a incômoda presença de Barreto no Planalto, Golbery tornou-se o membro do governo de maior influência junto a Geisel. Por ocasião do impasse provocado pela recusa do MDB em aprovar a reforma do Judiciário, por exemplo, conseguiu fazer prevalecer praticamente todas as sugestões para o presidente solucionar a crise que culminaram no tristemente famoso "pacote de abril".

Poucos meses depois, no entanto, o grupo palaciano precisaria recorrer aos préstimos do desprezado Barreto. A reconciliação foi naturalmente providenciada mais depressa. Surpreendido com os efeitos da ação desastrosa deada no início de 1977 pelo grupo que apoiava a candidatura do ministro do Exército Sylvio Frota, em julho, o grupo do Planalto já admitia estar ameaçado na sua existência. Foi de fazer de Figueiredo o sucessor de Geisel. Foi de fazer da Petrobrás Oriovaldo Pereira Lima o chefe de fato, que a candidatura Figueiredo fosse apresentada oficialmente apoiada pelo presidente Geisel. Foi a necessidade de contar com o apoio do afilhado do presidente: um precatório seu favorável à candidatura Figueiredo seria apresentado como a própria manifestação de Geisel. O plano foi discutido num jantar realizado na casa de Figueiredo.



"Projeto Olimpo" que lançou a candidatura Figueiredo.

Granja do Torto (4), e em 11 de julho de 1977 houve a polêmica declaração de Barreto apoiando a candidatura do então chefe do SNI (5). O plano deu certo: após a entrevista diversos setores, e principalmente a imprensa passaram, realmente a considerar Figueiredo o candidato oficial à presidência.

Contudo, Barreto participou da manobra sem consultar Geisel, que, decepcionado com este procedimento, esfriou as relações com ele, suspendendo os jogos de biriba na Granja do Riacho Fundo após o episódio. Só a muito custo, e devido à interferência de dona Lucy, Geisel voltaria algum tempo depois a normalizar as relações com o afilhado.

Com a queda de Frota, seguida da designação oficial de Figueiredo para suceder Geisel, o "grupo palaciano" começou a se preocupar com a estratégia para a sucessão do futuro presidente, a exemplo do que fizera logo após a escolha oficial de Geisel para suceder Médici. Em final de marco daquele ano, 1973, numa reunião no escritório do largo da misericórdia, da qual participaram o coronel Moraes Rego, Heitor de Aquino e Golbery, Geisel teria comunicado que o seu sucessor seria o general João Baptista Figueiredo.

Nada de extraordinário para o "grupo palaciano", portanto, que a estratégia para a escolha do sucessor de Figueiredo começasse a ser discutida antes mesmo de sua posse. Admitindo que dificilmente será possível viabilizar a candidatura de um novo general após Figueiredo, a estratégia do "grupo palaciano" desenvolve-se em torno de um candidato civil. Um dos nomes mais cogitados teria sido o de Humberto Esmeraldo Barreto e começaram os planos para construir a sua imagem de político, com o propósito de transformá-lo num "estadista" até 1985.

Confiante em sua importância cada vez mais crescente junto ao grupo que fabricou a candidatura Figueiredo, Barreto tentou voos com autonomia própria, à revelia dos planos elaborados pelo general Golbery. Começou com a idéia de sua candidatura a deputado federal pelo Rio. O seu raciocínio era que teria muito mais força no novo governo - e igual barganha junto ao "grupo palaciano" - se assumisse um ministério (como esperava) com o respaldo de uma votação esmagadora.

Através de um acordo sigiloso com o chefe da corrente adesista do MDB do Rio, Chagas Freitas, Barreto esperava obter mais de 200 mil votos. Em troca de ajuda para garantir a Chagas a sua volta ao governo do Rio, Barreto receberia apoio irrestrito do líder adesista, inclusive através de seu potente jornal *O Dia*. E, através da utilização de seu cargo de presidente da Caixa Econômica Federal, esperava conseguir outras dezenas de milhares de votos.

Humberto Barreto assumiu a presidência da Caixa Econômica Federal em 11 de abril de 1977, prometendo "transformar a Caixa num verdadeiro banco social". Entre outras promessas que chegaram a causar uma certa esperança em alguns setores da população, constavam: aumentar o número de agências da Caixa; criar um plano de fiança de aluguéis; criar um programa de financiamento de construção de casa própria a trabalhadores sem recursos; e formar um programa de financiamentos de instrumentos de trabalho, a longo prazo e juros baixos, a trabalhadores autônomos, costureiros etc.

Onze meses depois, em março de 78, Esmeraldo Barreto renunciava ao cargo sem ter cumprido uma só destas promessas e deixando a Caixa numa situação classificada pelo deputado João Cunha (MDB-SP) de "alarmante".

A gestão de Barreto, somada aos erros da administração anterior de Karlos Rischbieter, transformou a Caixa não num "banco social" mas num verdadeiro "banco de dívidas". Os recursos da Caixa se esvaíram, em parte, em financiamentos a empresas com situação duvidosa, que abriram falência poucos meses após o financiamento. Entre outros casos, a ASA - Alumínio do Nordeste, Extrusão e Laminação, de Recife, recebeu financiamento quando estava à beira da falência, determinando a perda de Cr\$ 1 bilhão para a Caixa; a Central de Seguros de São Paulo, cuja patente foi cassada pelo Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP) "por operações ilícitas" e que agora aguarda a liquidação extrajudicial, promoveu um rombo de Cr\$ 150 milhões; a Fertiplan, indústria de fertilizantes de São Paulo, conseguiu empréstimo de Cr\$ 450 milhões na Caixa, para abrir falência um mês depois de obter o dinheiro; a "ajuda" ao UEB-Center, do grupo José Luiz Moreira de Souza, custou à Caixa Cr\$ 2 bilhões e 800 milhões; e ainda houve a discutida absorção da Datamec, em presa que presta serviço de processamento de dados, da qual o tio de Barreto (amigo íntimo de Geisel, general de reserva Adauto Esmeraldo) era um dos dirigentes.

Além destes financiamentos que valeram sérios prejuízos à Caixa, Barreto, pretendendo ampliar seu círculo de prováveis eleitores, aplicou recursos da Caixa em empreendimentos questionáveis, como a doação do novo placar eletrônico do Maracanã, que custou à Caixa Cr\$ 14 milhões. Por outro lado, através do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social - FAS (administrado pela Caixa e cuja função é promover financiamento de clubes, hospitais, teatros, escolas etc.), Barreto assumiu maiores compromissos financeiros do que a disponibilidade da caixa. Para agravar a situação, vários analistas econômicos previam uma queda nos depósitos da Caderneta de Poupança. Mas Barreto, em plena campanha eleitoral, ao invés de diminuir o volume de negócios da Caixa, preferiu aproveitar o recuo das outras financiadoras para realizar grandes programas de empréstimos, sem fazer previsões de recursos para o final do ano.

O resultado de toda essa política é que, ao final de sua gestão, a carteira para financiamentos de imóveis novos teve de ser fechada por 6 meses por falta de recursos disponíveis, como também foram cancelados pedidos novos de financiamentos do FAS. Com um buraco deficitário de Cr\$ 21 bilhões, a Caixa teve de pedir empréstimo de Cr\$ 1 bilhão ao Banco Central, foi obrigada a recorrer ao Fundo de Assistência e Liquidez (FAL) do BNH e, pela primeira vez nos seus 150 anos de existência, precisou fazer um empréstimo externo - de Cr\$ 1 bilhão e 700 milhões - a bancos alemães.

A "alarmante" situação da Caixa também estava refletida em outros números: o disponível (dinheiro em caixa e nos bancos e mais letras do Tesouro) da Caixa em julho de 1977 correspondia a 9,69% do total de depósitos; em 31 de dezembro de 1977 representava apenas 2,7% dos então Cr\$ 109,6 milhões em depósitos. Diante desse quadro, um diretor do Banco Central chegou a admitir que, se a situação que a Caixa estava atravessando fosse com um banco privado, já teria sofrido intervenção.

O novo presidente da Caixa em substituição a Barreto, Arioivisto Almeida Rego, assumiu o cargo em meio a rumores sobre a abertura de sindicância jurídica. Enquanto Arioivisto, em entrevista à imprensa, negava a realização de investigação para apurar a denúncia de "taxas extras" na liberação de contratos da Caixa, o deputado João Cunha requeria no Congresso a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para "apurar a situação".

Após sua demissão da Caixa, Humberto Barreto começou a fazer a campanha para deputado federal, mesmo sem ter confirmada a sua candidatura pela convenção arenista. No dia 12 de abril começaram a aparecer na Baixada Fluminense, na estrada Rio-Petrópolis, cartazes com o seu nome destacando em fundo branco, embora sem contar o partido ou cargo para o qual era candidato. Naquela mesma semana esteve em visita a pequenas cidades do interior e na região metropolitana do Rio.

Naquela altura, porém, Barreto já estava em plena decadência. Entre os diversos documentos apócrifos que circulavam nos meios militares naquela época, um atacava-o diretamente. Intitulado "Eis algumas informações que você precisa saber" e distribuído na Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), no Rio, o documento indagava: "Será que a Caixa resiste a uma investigação pública? O que houve com alguns bilhões de 21 contratos?"

Além de rumores sobre sua gestão na Caixa, Barreto viu-se às voltas também com outros problemas. O assalto à sua residência, no começo do ano, teria sido feito por comandos militares ultradireitistas, com fins políticos. Isto é, em busca de documentos que comprovassem a participação em corrupção. Esta versão sobre o misterioso assalto à casa de Barreto já foi dada pelo menos 3 vezes. Uma na *Folha de S. Paulo* e uma em *Movimento* - e o segundo não foi desmentida por Esmeraldo Barreto.

A revelação do seu acordo com Chagas Freitas, por outro lado, também começou a criar-lhe dificuldades, principalmente junto à áreas militares adversas ao líder da corrente adesista do MDB. O acordo, segundo se soube recentemente, foi revelado à imprensa através de uma inculcância do general Golbery com o evidente propósito de desacreditá-lo nos meios políticos e militares.

Barreto havia começado a se atritar com o "grupo palaciano" por ocasião da escolha dos futuros governadores, quando todo o grupo apoiou a candidatura de Laudo Natel para governador de São Paulo, enquanto ele usou de todas as formas de sua influência junto a Geisel para que o escolhido fosse o ex-ministro Delfim Neto. Barreto não saiu derrotado deste episódio, como praticamente incomunicabilizado com o general João Baptista Figueiredo.

De qualquer forma, sabe-se que foi um informe que o SNI fez chegar a Geisel o que provocou definitivamente a sua derrocada. O relatório, que mencionava a sua gestão na Caixa e graves problemas pessoais, teria deixado o presidente profundamente amargurado. Mesmo assim, Geisel ainda interviria junto a Barreto para ajustar seus problemas de natureza pessoal.

Diante de todos estes reveses, Barreto não teve outra alternativa senão abandonar o cenário político: alegando urgente necessidade de fazer uma operação de cálculo renal, retirou sua candidatura a deputado. Até a semana passada, no entanto, ainda não havia sido operado.

O homem que fora cogitado pela oligarquia que hoje detém o poder no país para ser o presidente do Brasil de 1985 a 1991 ainda iria descer mais alguns degraus em sua vertiginosa decadência. Há cerca de um mês teria perdido parte de sua fortuna numa mesa de pôquer, no Rio. E no começo do mês passado Geisel afastava-o de vez do governo, exonerando-o do cargo de membro do Conselho do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

Agora, sem qualquer cargo no governo, abandonado pelos amigos, desprezado pelo "grupo palaciano" e desprestigiado pelo próprio Geisel, Humberto Esmeraldo Barreto ainda tem de enfrentar a ameaça de devassa à sua gestão à frente da Caixa. Segundo foi noticiado na semana passada, o Tribunal de Contas da União vai determinar uma inspeção nas agências da Caixa Econômica do Rio, São Paulo e Brasília, para apurar as "operações atípicas" realizados durante a sua gestão os chamados "empréstimos de exceção".

Humberto Barreto não vai precisar, porém, voltar a vender material de construção na Barra da Tijuca, no Rio, para sobreviver, como em 1969. Segundo o noticiário dos jornais, pela sua participação nas articulações para a escolha de Figueiredo, deverá ser agraciado no futuro governo com um cargo no segundo escalão.

Aparentemente, a ascensão e queda de Humberto Esmeraldo Barreto no cenário político nacional são apenas a história sem importância, uma história pessoal, cheia de golpes, baixezas e traições. Mais — que isso, no entanto — uma história que mostra de forma impressionante como funciona um regime de arbítrio e oligarquia. Uma história exemplar.

(1) Veja número 483, de 7 de dezembro de 1977.

(2) *A Segunda Guerra: Sucessão de Geisel*, série de reportagens que serão transformadas em livro, publicadas no *Jornal de Brasília* de 26 a 31 de agosto de 1978.

(3) Idem.

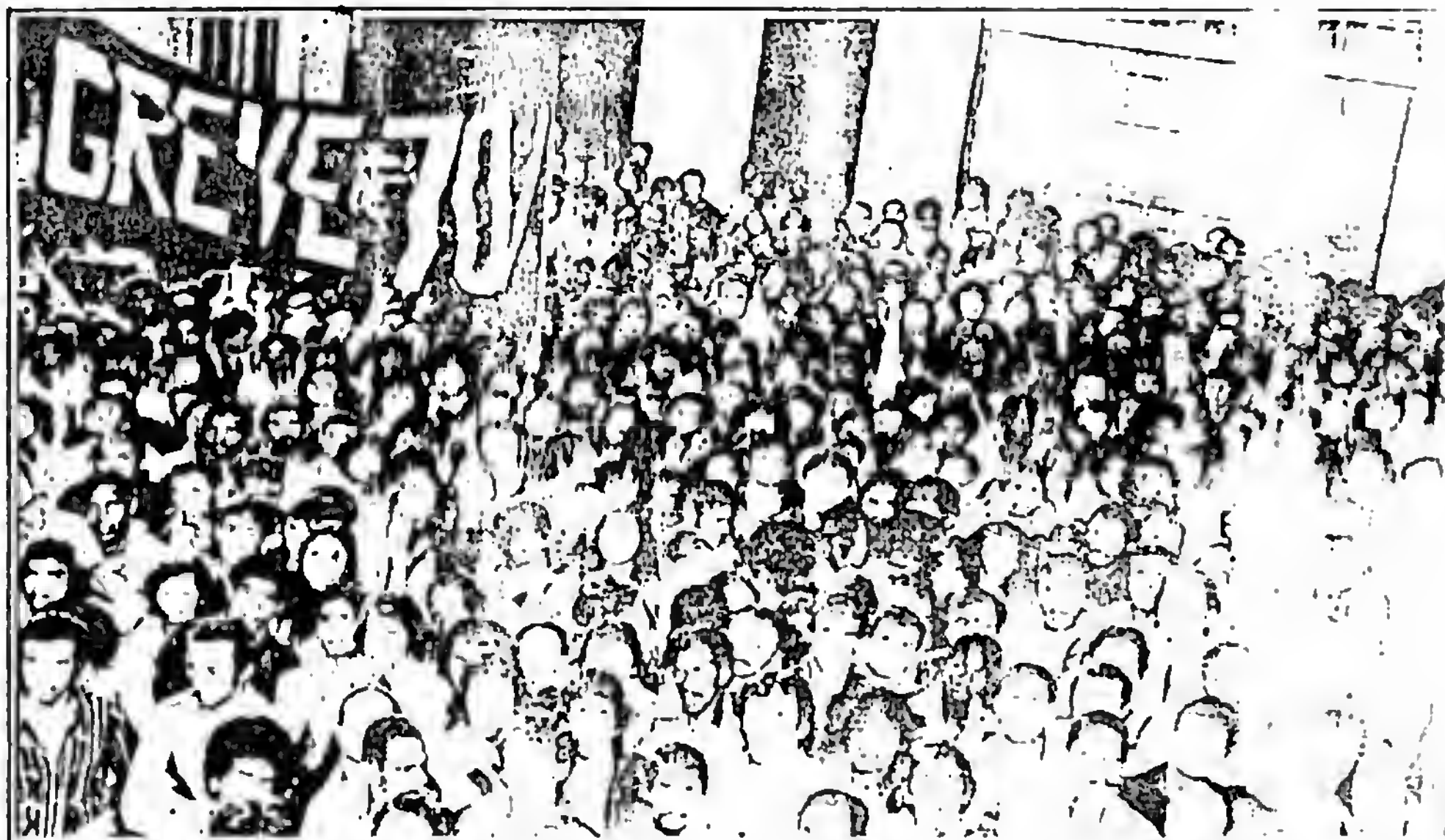
(4) Ibidem.

(5) "Pode botar em letra de forma. Assim que o presidente abrir a temporada, eu estarei ao lado da candidatura do Figueiredo a candidato."

(Humberto Barreto a *Veja*).

A GREVE
DOS 200 MIL

A maior greve no Brasil, desde 64, esta a grande vitória. Pelo menos 200 mil dos 400 mil metalúrgicos paulistas pararam 3 dias em São Paulo, Guarulhos e Osasco. Queriam 70% de aumento, reconhecimento das comissões de fábrica e não-incorporação dos aumentos obtidos em maio/junho. Vitória incompleta: o pelego Janjão, Joaquim dos Santos Andrade (do Sindicato de São Paulo), conseguiu fazer aprovar a proposta do patrão, de 58%, e mais: os aumentos de maio/junho não valem; os operários são obrigados a repor as horas em que pararam; e a não entrar mais em greve até o fim de 79! As histórias da grande greve aí estão, as pressões, a euforia de participar, os patrões agindo, a traição do pelego, a continuação da greve em Osasco e outras fábricas; e a vitória em Minas.



Os trabalhadores fizeram a assembleia na rua.

A VITÓRIA APESAR DO



A votação no sindicato de São Paulo, no dia 31.

PELA	PELA
PROPOSTA	GREVE
DE 58 %	
☒	☒
☐	☐

Na cédula de votação usada por Joaquim, a proposta dos patrões está destacando o aumento de 58%.



"Queremos votar já", a exigência do metalúrgico sindicalizado



Na Van-Leer, zona Sul de São Paulo, o diretor es-
biu na cadeira para falar



O presidente Joaquim dos Santos Andrade, diante
a assembleia

PELEGO JANJÃO

Participaram dessa reportagem:
Domingos Abreu, José Wilson e
Paulo Barbosa em São Paulo; em Bet-
Aloisio Moraes. Fotos: Sandra Adam
Nellie Solitrenick e Vincent Carelli.

As pressões: PM na porta, suspensão e demissão

Prada - Nesta metalúrgica da zona Sul, de 4 mil operários firmes na greve, a empresa usou uma pressão diferente: suspendeu todos, menos os faxineiros, operadores de empilhadeiras e mecânicos de produção - para tentar dividir o movimento. O patrão mandou ainda um ônibus avançar contra a multidão de operários do lado de fora. Vaia e xingamentos. Apenas 100 entraram, quando o patrão chamou os que não estavam suspensos. Sob enorme vaia. Um rapaz gritou no portão, já fechado: "Estamos unidos. Os puxa-sacos vão pagar!"

Telefunken - Zona Sul, rua Tabaré, cerca de 2 mil metalúrgicos. Um dirigente chega às 7 da manhã da terça-feira, vê centenas já parados em frente da fábrica, e dá prazo de 15 minutos para que entrem em serviço. Resposta: "Pode esperar sentado". Suspensos, os operários, principalmente mulheres, xingaram os diretores e guardas de segurança que não lhes permitiam entrar e bater o ponto. Um carro da polícia chega às 7h45, debaixo de vaia. Um policial sobe no capô e diz que, "por lei, a firma é obrigada a pagar o dia de serviço", mas sua tentativa de acalmar os operários não convence muito.

Villares - Fábrica com 7.500 operários, em Santo Amaro, zona Sul. Ao saber da pressão contra a "turma dos elevadores", a "turma dos motores" conclamou todos ao pátio. Juntaram uns 3.400 operários, e as mulheres, para surpresa dos homens, estavam em massa. Um operário conclamou a todos para resistir à intimidação dos patrões, passando a andar sempre juntos pelas seções. Os rapazes dos "motores" saíram em direção aos outros setores da fábrica. As "meninas" puxavam cantigas, improvisando versos sobre a greve. Às 8 da manhã, encosta uma perua da PM, ignorada solenemente. Aparece outra, igualmente ignorada. Os policiais olham um pouco, depois vão embora.

Bosch - Na porta da fábrica, quarta de manhã, todos receberam o comunicado de nova suspensão, que seria anulada caso voltassem ao trabalho imediatamente. O recado do chefe do Departamento do Pessoal corria pelas rodinhas. Chega um diretor alto, loiro, sotaque alemão, pergunta ao chefe se os operários vão entrar. O chefe responde que, pelo que vê, ninguém vai entrar. O alemão responde: "Então eu faí emborra parra casa..." O chefe do Pessoal diz que as reivindicações dos operários são justas, mas "é necessário obedecer ao acordo". Segundo ele, os operários estão suspensos administrativamente, ou seja, para toda a fábrica, e assim "não há greve". O que há é que os operários "estão apoiando o movimento dos metalúrgicos"... Um chefe, na Bosch, diz aos operários, ganha cerca de 40 mil por mês. A diretoria, que se mostrava compreensiva na segunda-feira, na sexta aplicou um "golpe traiçoeiro": no fim de um turno, chamou 9 membros da Comissão ao pátio, cercou-os com os guardas e forçou-os a assinar a demissão. Não assinaram. Os guardas tentaram impedir até que fossem buscar seus pertences nos armários. A operária Zuleika, ao subir as escadas, foi agredida e arrastada para baixo. Eles foram reclamar no Sindicato e o 2º secretário, Manoel Luiz Silva, disse que nada poderia fazer, apenas "pedir aos diretores da Bosch que readmitam os demitidos".

Van Leer - Zona Sul, uns 2 mil operários, fábrica tambores. O chefe de segurança, pela manhã de terça, percorria os grupos, propondo que todos entrassem. Insultava o Sindicato: "Sindicato é só conversa". Um operário meio nervoso: "A CVL furou a greve ontem, hoje não furará!" Chega um diretor do Sindicato, Policarpo: "Todo mundo para o Sindicato", diz ele, de modo autoritário. "Não quero que vocês fiquem aqui. Correm um risco". E se retira. Os operários ficam indecisos. Formam-se dois blocos em frente da fábrica: um quer ir ao sindicato, outro quer ficar. Surge um diretor da fábrica, pede cadeira ao segurança, vai discursar. Diz que não houve acordo, que é "pena que isso aconteça de novo". Diz que em outras fábricas chamaram polícia, aqui não. E que só não os deixa entrar porque "o cigarro pode causar incêndio". Um operário comenta: "Mas assim nós perdemos o dia. Não batemos o cartão". E o patrão: Se vocês não trabalham, é assim". Mas ninguém entrou.

Brasimat - Cerca de 1.600 operários, zona Sul. O advogado da firma veio ao pátio, jogou uma porção de leis em cima dos operários, que a greve os prejudicaria, que o patrão teria prejuízo, que colaborassem... Sem comissão de greve na fábrica, houve vacilação e muitos voltaram ao trabalho, embora a maioria estivesse com a greve. "Se tivesse alguém do Sindicato lá, a gente estava em greve desde a primeira hora", diz um operário.

Hartmann & Braun - Suspendeu 40% dos operários, embora todos estivessem em greve. Um diretor pediu que entrassem para trabalhar e foi vaiado. Outro diretor comentou com operários que estava perdendo 1 milhão de cruzeiros por dia! E o operário: "Vejam vocês: os homens ganham 1 milhão por dia! E não podem pagar um salário decente pra nós!"

Caterpillar - Única fábrica onde todos entraram, marcaram cartão e ficaram dentro sem violência nem intimidação. Mas os operários foram proibidos de falar com a imprensa. Nem a diretoria falou. Um emissário, nervoso, explica: "É um confronto de classes. Não podemos nem permitir fotografias".

Mais animação e muito mais gente do que antigamente

A euforia dos operários com a greve e com sua participação em um movimento da classe operária como um todo foi enorme. Um operário da fundição da Metal Leve, fábrica de pistões de São Paulo, dizia:

- Falaram em parar e logo o pessoal emendou - É prá já. Mandaram carta de ameaça mas quem teve de esvaizar os fornos foram os encarregados e gerentes.

No dia da assembléia dos 30 mil, no meio da rua, sob chuva, uma metalúrgica de mais de 20 anos de profissão dizia animadíssima:

- Hoje é até melhor do que antes de 1964. É mais gente participando com mais vontade. Nunca vi uma assembléia dessas, com tanta gente e debaixo dessa chuva toda. Já participei de algumas greves. Ali por 58 teve uma boa, forte. A maior de todas foi em 62. Juntáramos os metalúrgicos, os gráficos e os bancários. Tenho a impressão, porém, que hoje o pessoal tem mais consciência. Muitos discutem com o patrão dentro da fábrica. Vai lá em cima, enfrenta e tudo o mais.

Um operário da Fiat mineira, que participou da greve de Contagem em 1968, também acha as greves dos metalúrgicos de hoje melhores:

- Em 1963 a gente fez piquete. O sindicato chegou na porta da fábrica e mandou parar. Nós saímos e fomos ajudar a parar outras fábricas. Em 1968 nós paramos sem o sindicato mandar, mas não ficamos dentro da fábrica, como agora. Assim eu estou achando melhor, porque não tem fura-greve e traz mais consciência pro trabalhador.

Os patrões também flexionam os músculos

Se os operários avançaram em audácia e organização desde a greve de julho, os patrões trataram também de acompanhá-los. De certo modo, os patrões começam a exercitar os músculos com a perspectiva de entrar numa nova era, onde dependerá basicamente deles a negociação salarial com os trabalhadores, sem a cômoda tutela de um governo repressivo.

O que os patrões já tiraram de lição da greve de julho e já aplicaram agora? Primeiro, e mais importante, é que eles devem estar unidos, tomando decisões coletivas. Aprenderam que se for deixado para cada fábrica resolver isoladamente, o poder de barganha dos patrões em geral fica diminuído. É que se numa fábrica se concede mais aumento, o exemplo acaba servindo para aumentar a combatividade dos operários das outras fábricas. Por isso a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) recomendava a todos os patrões não tomarem iniciativas isoladas.

Adotou também táticas padronizadas para o tratamento das fábricas paralisadas, como manter os portões fechados, aplicar sanção disciplinar por faltas, suspender vales, refeições, transporte e outras vantagens que porventura fossem oferecidas aos trabalhadores. Na fábrica a orientação chegava ao nível prático, como o advogado da FIESP, Deusdetti Farias:

- Estamos também orientando os empresários para afixarem os comunicados (de advertência) em locais estratégicos: o banheiro é o melhor local para o operário refletir e saber quem está com a razão.

Na área governamental reinava certa perplexidade quanto aos acontecimentos. É que os trabalhadores não só derrubaram o antigo sistema de reajustes salariais a partir de fórmulas com índices defasados. Também plantaram com a força da greve a negociação direta, ficando sem sentido o índice oficial de reajuste.

Acredita-se, em Brasília, que a única utilidade do índice agora será servir de piso para os reajustes, e não mais de teto, como era antes.

Joaquim deixa para amanhã o que o povo pede "já"

O dirigente fala da janela. O serviço do som é ótimo. Escuta-se bem por toda a rua do Carmo, pelas transversais, no coração de São Paulo.

- Pessoal, tá a chuva e tudo contra nós. Até o microfone dando choque...

A massa vai direto ao assunto:

- 70! 70! 70!

Quase 8 da noite de terça, o diretor sí...

explica que esta havendo reunião entre patrões e Comissões: é a última tentativa de acordo, e os dirigentes logo virão, com o resultado. As faixas se agitam, o coro pede "setenta, setenta, setenta!". No fim da rua, sentados na calçada, estão três meninos. Um deles, 15 anos, é operário já faz um ano e meio. Ele recebeu o comunicado de greve e achou certo parar. Com os 1.570 cruzeiros que ganha, ajuda a sustentar a mãe e 2 irmãos mais novos. Se for mandado embora, a situação será terrível, mas a mãe lhe disse, quando ele saiu de manhã:

- Vai, está certo. A luta é justa. A gente precisa.

Finalmente, chegaram os dirigentes, com a resposta dos patrões. São mais de 30 mil pessoas, agora, reunidas. A assembleia será na rua. O presidente Joaquim "Janjão" Andrade apareceu na janela do 1º andar.

- 58 por cento para os trabalhadores de até 3 salários-mínimos - anunciava o "Janjão" na janela.

- 70! - gritava o povo em coro, depois de vaiar.

E Joaquim:

- 54 por cento para os de 3 a 6 salários...

- Para! para!

Então, Joaquim, usando a "prerrogativa" (palavra que ele usa muito) do sindicato, encaminhou a forma de votação. E, apesar dos protestos gerais, dos gritos que exigiam votação "agora, agora", contrariando a multidão, mandou todos voltarem no dia seguinte, com a Carteira de Trabalho, para o "escrutínio secreto"...

A grande traição do pelego Joaquim

Na manhã seguinte à "Assembleia dos 35 mil", uma surpresa para quem veio ao sindicato votar: 6 carros de polícia estacionados, PMs espalhados por perto, policiais do DEOPS nas janelas fotografando as pessoas presentes.

A fila de votação era organizada por dois PMs. Era o truque que o pelego Joaquim tinha reservado para a última hora: só iriam votar os que tivessem carteira do sindicato. Os jornalistas vão tentar saber as razões da mudança. Afinal, na noite anterior ele impedira a votação dos 35 mil presentes alegando que eles representavam apenas 10% da categoria. Ele havia dito claramente aos jornalistas na noite da Assembleia:

- Para garantir a democracia dentro do sindicato, nós achamos que é justo que todos votem e não apenas uma minoria de 35 mil pessoas. Em São Paulo existem 300 mil metalúrgicos. Por que só votarão os que estão aqui? Amanhã cedo quem se apresentar no sindicato com a carteira profissional assinada ou com a carteira do sindicato vota...

A multidão agita faixas e prolonga seus gritos de

- Traição, traição!

- Queremos a cabeça do Joaquim!

- Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos que o Joaquim vá prá...p...q...p...

Essa foi talvez a maior traição que já se fez, a mais bem arquitetada, bem-sucedida. Uma diretoria de pelegos, com seus golpes baixos, enfrenta e contraria a vontade de 300 mil metalúrgicos.

O pelego Nelson da Diretoria, tenta explicar aos trabalhadores revoltados:

- Chamamos a polícia por causa do que aconteceu

Mas ontem eram mais de 30 mil trabalhadores exigin-

do seu direito de decidir seu próprio destino. E hoje apenas uma minoria vota.

- Exato. Mas resolvemos mudar a regra, de ontem para hoje, por causa da confusão dessa noite. Invadiram a sede, quebraram vidros...

A Diretoria de pelegos contraria a vontade da imensa maioria e depois pune a todos os trabalhadores por lutar pelos seus direitos, e termina favorecendo ao patrão.

- Nada disso. Os que estão votando aqui são patrões, por acaso?

E os mais de 50 mil que estão lá fora enganados, frustrados, são o quê?

Dentro do Sindicato tudo é um espetáculo bem montado. Os votantes, com suas carteirinhas de sócio na mão, sobem as escadas em fila. Recebem um folheto escrito pelo Sindicato induzindo a votar na proposta patronal, são "conversados" por elementos do Sindicato que convidam para votar pelos 58% e depois recebem a cédula de votação. Na cédula de votação não constava que a outra opção além da proposta dos patrões era a greve pelos 70%. No folheto de propaganda - só foi distribuída propaganda da posição de Joaquim - se afirma que "Ou aceitamos a proposta e celebramos uma convenção coletiva ou rejeitamos e ficamos com a proposta do tribunal de apenas 43%". Um elemento da oposição sindical olha tudo aquilo, revoltado:

- Mais uma vez o Joaquim traiu a categoria. Ontem ele assumiu o compromisso perante a massa de que bastaria ser metalúrgico para poder votar. Hoje já vieram aqui mais de 100 mil metalúrgicos e encontraram a polícia. Só os sócios entram e o Joaquim está fazendo campanha aberta pela proposta do patrão.

Lá fora a massa força as cordas, diante dos guardas. Impotente, mas gritando incansavelmente:

- "Queremos a cabeça do Joaquim! Queremos a cabeça do Joaquim!"

Votaram 6.212 associados. Destes, 4.545 pelo acordo, 1.976 contra, 13 em branco e 78 nulos.

Na parte da tarde, depois da apuração, 5 mil operários concentrados do lado de fora do sindicato gritavam revoltados: - Porcos! Porcos! Porcos!

Talvez seja essa a maior experiência conquistada pelos grevistas: desmascarar claramente o pelego Joaquim. Foi também a grande conquista das oposições sindicais na Fiat, em Minas: o pelego Jorge Norman, vice-presidente da Associação dos Metalúrgicos, colaborou ativamente para aprovar a proposta dos patrões. Ouvido por Movimento em Belo Horizonte, um metalúrgico de 50 anos disse:

- Aquele Jorge Norman eu não conheço, deve ser novo na Federação dos Metalúrgicos, eu conheço é o Canhone (presidente da Federação), que é gigolô de operário. Esse Jorge deve ser igual. Agora vieram me falar que o Ildeu, do Sindicato de BH-Contagem esteve participando das negociações. Este eu também conheço, é um lambe-saco de patrão dos muito sem-vergonha. O que ele esteve fazendo lá, eu não sei, mas coisa boa pra nós eu sei que não é.

No final da tarde do dia 1º, com três horas de atraso, foi firmado no Tribunal Regional do Trabalho o acordo coletivo de trabalho entre patrões e sindicatos de São Paulo e Guarulhos. Sendo o primeiro depois de 14 anos, este acordo no mínimo traz uma nova experiência à categoria metalúrgica: não confiar jamais nos presidentes tipo Janjão.

O sindicato de Osasco, por decisão de seus trabalhadores, manteve a greve através de eleições democráticas. Henos Amorina, o presidente, queixava-se à imprensa:

- A decisão de São Paulo e Guarulhos deixou a gente sem pai e nem mãe. Ficamos órfãos, mas mantemos as nossas posições originais.

Seguramente descontentes, os trabalhadores votados pelo atual acordo realizaram vários protestos. A região Sudeste distribui, no dia três, nota à imprensa acusando a diretoria de haver "vendido o direito de greve conquistado pelos trabalhadores" e que o presidente "deve ser chamado de 'Judas' dos Santos Andrade, por ter se vendido aos patrões, traindo a categoria" e ao final demonstram estarem dispostos a continuar a luta por suas reivindicações. Na região Sul, de grande concentração fabril, no mesmo dia surge um exemplo concreto: o 2.500 operários da Caterpillar, indústria de tratores, entram na fábrica e não ligam suas máquinas.

"A greve continua" dizem eles, aos patrões: "Queremos que seja mantido o acordo de junho", significando que os 58% do atual acordo não sejam, compensando os elementos reais conquistados através da greve do primeiro semestre. Exigem também o pagamento das horas não trabalhadas.

Enquanto isso, em Minas: apesar de tudo, vitória

"Depois de uma semana de greve, podemos nos considerar heróis. Sofremos as mais diversas pressões, da polícia, da segurança interna das fábricas, da direção das empresas e as manobras do Jorge Norman (vice-presidente da Federação dos Metalúrgicos de Minas). Podemos nos considerar vitoriosos, apesar da luta não haver terminado. Essa greve serviu principalmente como experiência, nos uniu e deu pra sentir a importância de um sindicato forte que, infelizmente, não temos".

Esta resposta de 12.500 operários da Fiat a *Movimento* na quarta-feira passada resume bem a primeira greve de 12.500 operários metalúrgicos das três principais empresas de Betim. Mais de 90% dos trabalhadores nunca haviam participado de uma greve. Esta acabou sendo considerada ilegal pela Justiça do Trabalho.

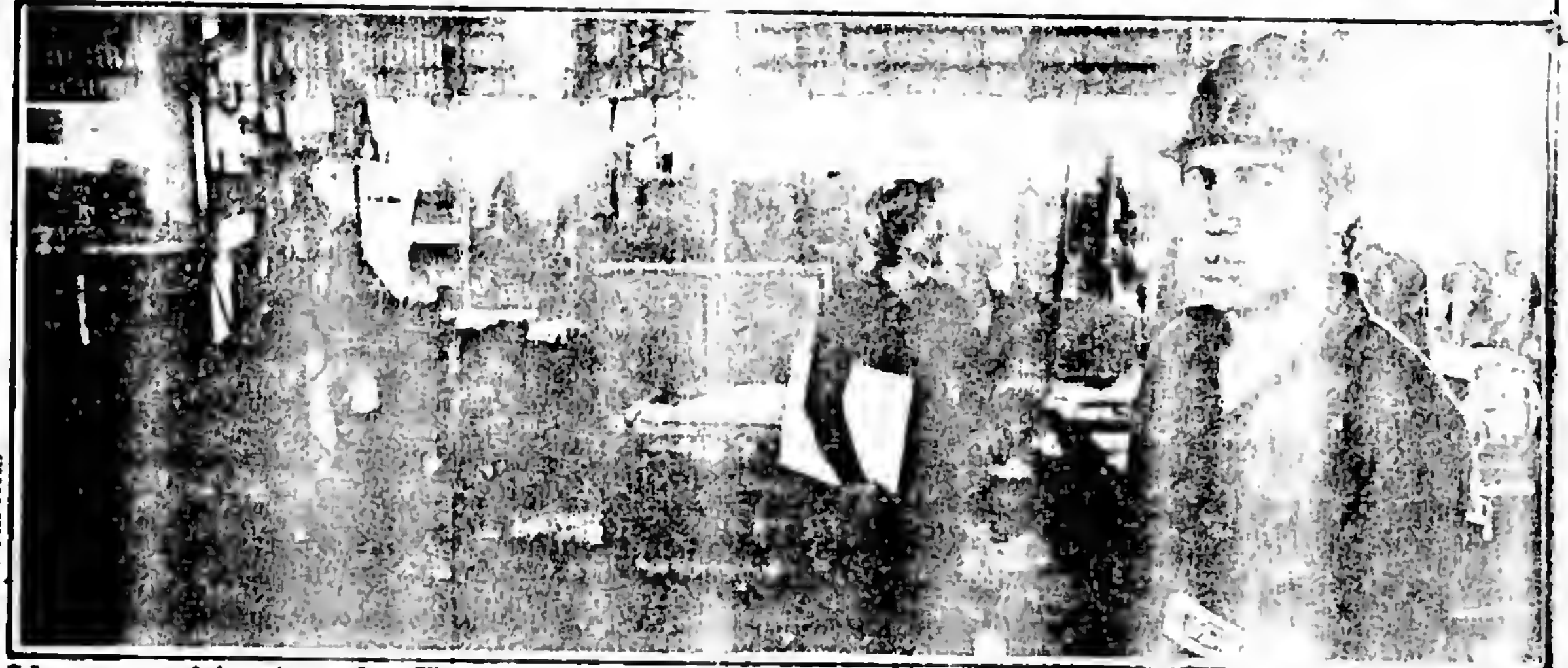
No julgamento do dissídio coletivo da classe, embora a própria justiça considerasse justas as reivindicações, decretando pela primeira vez um aumento além dos índices oficiais (12% além), as empresas trataram de confundir os operários. Na segunda-feira, por exemplo, elas passaram a distribuir comunicados aos metalúrgicos informando que haviam concedido aumento de 7,5% e, a seguir, anunciaram o pagamento de adiantamento de salários relativos a 80 horas de trabalho. Até ficar claro que havia uma manobra, muito operário trabalhou, mesmo sem receber qualquer comunicado do Sindicato.

Assim, usando também de artifícios como o revezamento de operários nos setores de trabalho, intimidadoras fotografias de grevistas nos locais de trabalho, recolhimento de cartões de ponto e dando "balão" (suspensão), as fábricas conseguiram esvaziar o movimento grevista.

Isso ocorreu no Distrito Industrial de Betim, nascido basicamente em torno de empresas multinacionais que ali se fixaram ao receber as benesses do governo mineiro (Ver *Movimento* n.º 174). Na maior das três empresas, a Fiat, com 9 mil operários, as pressões e a presença ostensiva de policiais ocorreram o tempo todo; mais de dez operários foram demitidos até a última semana por "justa causa"; 60 levaram "balão" de 15 dias, enquanto outro era retirado de dentro da fábrica de automóveis aos safanões de três guardas de segurança da empresa italiana. Um diretor da Fiat chegou até mesmo a afirmar durante a paralisação que "os operários estavam invadindo os locais de trabalho". De outro lado, um fura-greve teve que ser levado para casa escoltado pelos guardas de segurança da empresa por causa da revolta de seus companheiros. (Aloísio Moraes)

QUEM SÃO OS METALÚRGICOS

Juca Martins



Um metalúrgico da Ford para em seu trabalho.

O metalúrgico é o mais consciente dos trabalhadores do Brasil, o mais politizado? Como eles vivem? São privilegiados em relação aos outros trabalhadores brasileiros? Em média, um metalúrgico ganha 4 mil cruzeiros. Mas 69% deles ganha abaixo dessa média - "somos uma categoria de baixos salários" diz o manual do sindicalista de São Paulo. Mas são justamente os de mais baixo salários que mais comparecem às reuniões do sindicato: 60% dos que comparecem às reuniões recebem até 3 salários mínimos. Esses números dizem pouco, porém. Para ver o que pensam e como vivem, os repórteres do Movimento Domingos Abreu e Hideyo Saito acompanharam toda movimentação da greve e conviveram um pouco com alguns metalúrgicos. Eis o relato deles.

A cachorrada que o pelego fez

1 Para chegar na casa de Severino de Oliveira, no Jardim Miriam, é preciso passar por uma rua estreita e tortuosa, ladeira acima. Casas e barracos estão pendurados perigosamente na beira do barranco. Não existe calçamento nem luz, esgoto e água corrente. Severino mora com a mulher, uma filha e a mãe numa casa de dois cômodos "e mais um fora".

Severino é metalúrgico, operário não-especializado na Amortex S.A., montador de platô pra carro. Não tem televisão em casa, nem rádio, e a luz que tem, "é emprestada". Não passa caminhão de lixo. "Outro dia apareceu um político pedindo voto. Nós dissemos que volava nele se colocasse poste nas ruas". Depois das nove horas é perigoso andar na rua por causa dos ladrões.

Severino praticamente não descansa nenhum dia da semana. O mês passado fez 19 horas extras. Sábado, trabalha das sete às cinco da tarde. "No domingo eu trabalho de pedreiro em casa. Eu passo até ano sem sair dia de domingo de casa."

É encarregado de várias operações na firma: "É muito cansativo, colocar pinos, molas e outras peças pequenas". Trabalha normalmente das 6h45 até as 17 horas, ganha 13,36 cruzeiros por hora, e com as horas extras dá para tirar cerca de 2.700 por mês. Mesmo assim é duro, os patrões não gostam de pagar muito. Ele conta o seu próprio caso, que já ficou desempregado por causa de tramóia de patrão pra pagar pouco.

"Eu trabalhei na Resil um ano e cinco meses. Entrei como ajudante, depois passei pra operador de montagem. Mas acharam que eu estava ganhando muito e me despediram". Nessa fábrica Severino chegou a ganhar 12,51 por hora. Foi despedido e depois chamado novamente para trabalhar com um salário de 6,50 a hora. Não aceitou a proposta. Passou dois meses desempregado, até conseguir emprego de novo.

Severino nunca ouviu falar no Movimento Custo de Vida, mas sabe muito bem o que é a carestia: "O custo de vida hoje sobre o dobro dos salários. Uma compra que eu fazia com 160 cruzeiros dois anos atrás, hoje eu não faço nem com 500 cruzeiros."

"Eu acho que a greve é mais do que justa. Eu queria votar pra continuar a greve. Eu acho que assim beneficiou os patrões. Conforme o tempo vai passando as coisas vão ficando pior. Pra conseguir o aumento tem que ser na greve". Severino pensa que a política não está fazendo nada para beneficiar os operários. "Com toda a desgraça, eu acho melhor votar no MDB. No MDB tem o Franco Montoro que já fez bastante pelo trabalhador. O operário deve votar em candidato operário, igual eu vi lá no sindicato a chapa de um operário. Se eu pegar o nome dele, eu posso votar pra ele. Operário sofre igual a gente e pode dar valor no nosso trabalho."

Acho importante ter um partido dos trabalhadores que deveria ser criado pelos próprios trabalhadores. "Porque sindicato não dá mais. Depois que eu vi uma bruta cachorrada que o presidente fez, eu não quero mais voltar ali", fala irritado com a atuação do pelego Joaquim Andrade, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Mas Severino diz que a comissão de fábrica, é uma coisa muito importante e reclama da firma: "Eles exigem muita produção sem pagar comissão. Eles exigem montar 600 platôs por dia para cada montador. Chega até perigar de cortar o dedo."

Fala do presidente, já ouviu falar de corrupção. Ouviu pelo rádio sobre a escolha de Figueiredo, mas acha que "pra presidente o povo devia votar. Do jeito que eles fizeram lá eu achei muito errado. E lugar de militar é no quartel mesmo. A corrupção é ruim pro país. Aqui mesmo no bairro precisava de uma creche. Tem gente que paga até mil cruzeiros pra olhar uma criança."

Severino é de Cedro de São João, interior de Sergipe, e não trabalhou sempre na cidade. Ele trabalhou na roça até os 21 anos com seus 17 irmãos, num terreno alugado. "Lá houve uma seca danada, as criação iam morrer de fome. Então eu vendi os animalzinho e vim pra cá, onde estou há seis anos". Severino diz que a reforma agrária é uma idéia boa, o trabalhador seria muito beneficiado.

"Eu tendo um pedaço de terra pra trabalhar, eu preferia voltar pra minha terra. Eu tenho idéia depois de peger isto aqui, ir embora". Enquanto espera, o metalúrgico consertava sua casa, no dia dos mortos, enquanto os vivos da periferia continuam esquecidos.

Por que José não vai para a roça?

2 As mãos encardidas e rachadas nas pontas dos dedos e as unhas manchadas de graxa identificam logo a profissão de José Gomes dos Santos: operário metalúrgico. A fala mansa revela que, como milhares de outros companheiros, foi lavrador antes de mudar para São Paulo e tornar-se um operário metalúrgico. Pai de quatro filhos, 37 anos, trabalha como eletricitista numa fábrica que é considerada uma das piores de São Paulo em condições de trabalho.

Em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, onde trabalhou na roça até os 21 anos, José Gomes levantava por volta das 5 e meia da manhã para plantar arroz, milho e feijão no pequeno sítio do pai, que também tocava "café a meia" com o dono das terras, "que ganhava a metade da produção sem fazer nada". Em São Paulo, José Gomes acorda ainda mais cedo do que nos tempos de lavrador. Tem de estar de pé às 4 e meia para chegar no serviço a tempo de bater o cartão de ponto às 7, depois de passar quase duas horas em duas conduções. Frequentemente só chega em casa de volta do serviço por volta de meia-noite pois costuma fazer hora extra para conseguir, no final do mês, um salário em torno de 5 mil cruzeiros. "Muitas vezes passo a semana inteira sem ver os filhos", conta José Gomes, que durante a semana só consegue se encontrar com os filhos quando não faz hora extra e, assim, chega em casa às 9 horas da noite. Os dois filhos mais velhos também enfrentam a mesma dura rotina do pai, acordando às 4 e meia da manhã para retornar a casa pouco antes da meia-noite, depois de trabalhar durante todo o dia e estudar até as 11 horas. O mais velho, de 16 anos, estuda no Senai em Santo Amaro e, como o pai, também trabalha numa metalúrgica. O de 14 anos trabalha numa fábrica de

linhas. A mãe também trabalha, como costureira, "pra que senão não dá para viver".

"A gente acha que a classe operária está muito mal, a maioria está passando fome. Quem ganha salário mínimo eu não sei como está vivendo", é a opinião de José Gomes em poucas palavras, sobre a atual situação. Onde ele mora em Guarapiranga, bairro onde os operários são maioria, não tem água, luz e esgoto. A sua casa, de dois quartos, mais sala, uma pequena cozinha e banheiro, foi construída por ele e a mulher nos fins de semana porque não teve condições de sequer pagar a colaboração. A primeira medida para melhorar as condições de vida do povo, segundo pensa, é o aumento do salário. "Eu não quer guardar dinheiro, o que ele quer é ter dinheiro para manter as necessidades básicas, pra comer. Hoje tem uns que ganham muito e outros que ganham uma miséria".

José Gomes acha que os trabalhadores devem participar das grandes decisões políticas. "Não para isso, pra haver representantes dos trabalhadores lá em cima, escolhidos por nós". Sobre a eleição do futuro presidente da República tem pouco a dizer. "Nós não achamos nada, que nós não participamos em nada desta escolha. Mas nós perguntamos, será que eles irão defender os interesses dos trabalhadores, se eles não foram escolhidos por nós". Também tem opinião formada sobre a liberdade de imprensa: "Acho importante a liberdade de imprensa, que hoje a maioria da imprensa anuncia só assaltos e crimes e deixam de noticiar o que realmente acontece com os operários. Eu acho que isso é porque não há liberdade de imprensa".

Como praticamente todos os operários de São Paulo, José Gomes conhece e apóia o Movimento Custo de Vida. "É um movimento justo, é um direito que o povo tem de reivindicar a alimentação, que é o que mais afeta o trabalhador. Enquanto uns compram leite e carne pra dar pro chorro, outros não podem comprar um quilo de carne melhor ser cachorro de rico que gente pobre", lamenta José Gomes. "deveria ter uma constituinte em defesa do trabalhador e não só do rico".

Porque José Gomes não volta então para a roça? Lá, José, não havia condições de trabalhar. Os grandes fazendeiros comprando as terras e não sobrou lugar para trabalhar. O governo desse cinco alqueires de terra para cada um plantar eu acredito que 30% do pessoal de São Paulo vieram da roça voltaria para o campo" fala o eletricitista com sua voz mansa de camponês. João é favorável a uma reforma agrária e diz que "o que o pessoal quer é ter condições de trabalhar. Se o povo tivesse terra suficiente para trabalhar é que teria mais coisas pra comprar e o preço seria tão caro". E a sua pergunta: "para onde vai o produto dos produtores da terra? Se o trabalhador que trabalha um ano inteiro vende o produto muito barato e quando nós vamos comprar o preço é muito alto?"

Quando José Gomes veio para São Paulo entrou numa fábrica trabalhando como ajudante. Depois de alguns anos conseguiu fazer um curso de eletricitista, com certa dificuldade porque quando morava na roça não conseguiu terminar o curso primário. Atualmente José trabalha como eletricitista de manutenção geral dentro da fábrica. O trabalho é perigoso e não recebe salário extra por periculosidade. Muitas vezes falta comida e tem que andar por cima das ferragens do teto da fábrica. É um trabalho cansativo e é obrigado a fazer muita hora extra. No domingo não aconteceu nenhum acidente grave, mas a gente sabe de companheiros de outras fábricas que sofreram acidentes fatais nesta profissão" exclama o eletricitista.

No final da semana o eletricitista José não descansa, vai fazer hora extra para sobreviver, muitas vezes chega-se a fazer hora extra no domingo. A manutenção é feita no final da semana quando as máquinas estão paradas. "Com toda esta colaboração que o empregado dá pra empresa, ainda é mandado embora por justa causa sem motivo. Muitas vezes o patrão não cumpre as poucas leis que beneficiam o operário", diz o metalúrgico.

No bairro onde José Gomes mora o que os moradores mais pedem para a prefeitura é água. Lá toda a água usada é de poço e a maioria é contaminada. "A escola não está dando alimentação por falta d'água". O futuro é incerto para o metalúrgico e sempre luta para que as condições de seus filhos sejam melhores do que a dele. "Agora o filho mais velho quer fazer o colegial técnico e eu não sei como vou fazer pra dar isso a ele, é um direito que ele tem".

Maria, que nunca foi à praia

Maria de Fátima só sabe que trabalha muito e ganha pouco. Não adianta perguntar-lhe sobre comissão de fábrica, liberdade sindical, repressão política e outros temas implicitamente sacudidos pelos 300 mil metalúrgicos paulistas, em sua greve geral, semana passada. E no entanto, ela é metalúrgica - e fez greve também, permanecendo sentada e de braços cruzados na segunda e na terça-feira passada, na Becker do Brasil, fábrica de auto-peças da região de Santo Amaro.

Maria de Fátima tem 7 filhos, ganha Cr\$ 735 por hora e trabalha de segunda a sexta, das 7 às 17,30 horas, o que resulta em aproximada. É a mais baixa faixa salarial: 56% dos metalúrgicos ganham menos de dois salários mínimos. Seu marido é ajudante geral numa fábrica de papel. A renda familiar incluindo o ganho do filho mais velho, de 15 anos, como balconista de padaria, chega a Cr\$ 6 mil. Dinheiro gasto quase que totalmente no aluguel (Cr\$ 1.500 numa casa de quarto e cozinha no Jardim Miriam), alimentação e condução. A casa é muito simples, na cozinha, apenas a pia, o fogão e uma mesa velha com 2 cadeiras. Ela fez questão de fechar a porta do outro cômodo, onde dormem 7 pessoas.

- Faz pouco tempo que eu trabalho de operária.

Sempre trabalhou na roça, no interior de Pernambuco, de onde veio há 4 anos para São Paulo, onde o marido já estava fazendo 3. Em São Paulo, antes de virar operária, foi empregada doméstica: "Foi difícil arrumar esse emprego porque eu sou casada e tenho filhos".



Trabalhadores da Villares na assembléia dos 30 mil.



"Comissão de Fábrica" da Caterpillar durante a greve.

E perisso que ela pediu para que seu nome não fosse citado no jornal (Maria de Fátima é nome fictício), embora não tivesse sentido medo nenhum de fazer greve. Distribuíram panfleto na porta da Becker, todos falaram que iam parar e ela parou: "Eu nem tava sabendo de nada. Foi a primeira vez que eu ouvi falar dessa greve. Já tinha ouvido falar em outras fábricas mas nunca tinha feito isso".

Maria de Fátima só faz trabalhar. Sábado e domingo arruma a casa, lava roupa, cuida das crianças, assiste televisão. Seu único contato com o mundo, além da fábrica, é feito através do Jornal Nacional, das novelas e do Fantástico. Ela tem primário completo mas nunca leu um livro. De vez em quando dava uma olhadinha no Diário Popular. Mais ou menos uns dois meses atrás, saiu num domingo para ir à missa.

"Eu não tenho nenhuma diversão", lamenta "não dá tempo, com esses filhos todos. Dá vontade de sair mas não tenho dinheiro também. As vezes eu e meu marido conversamos sobre isso e aí a gente acha que a vida é chata.

O trabalho na fábrica é ficar encaixando uma peça na outra, o dia todo, e muitas vezes o tempo custa a passar: "É pecinha pequenininha que eu nem sei o nome delas. Eles não gostam que a gente conversa ou fica de lado, tem que sentar firme. Dói as costas e cansa a vista. de vez em quando eu penso: meu Deus, nunca que termina isso! É uma atrás da outra, sem parar.

De quando em quando conversa com alguma colega, sempre assunto de casa, crianças, do cotidiano. Ela diz não ter nenhuma lembrança particularmente agradável. A história da sua vida é a história de onde e como trabalhou até hoje. O maior sonho é ter uma casa com quintal, onde os filhos pudessem brincar com liberdade. Outro é trazer para São Paulo os dois filhos que ainda estão em Pernambuco, com os sogros. E pra você, nada?

- Passear numa praia. Nunca vi praia.

“Dormindo e sonhamos com ela, a greve”

O ferramenteiro José Hernandez trabalha há um ano numa firma multinacional que emprega cerca de 4000 empregados, mora em um bairro da zona sul de São Paulo, pagando 2.500 cruzeiros por mês de aluguel de sua casa. É um metalúrgico que participou ativamente das greves e se mantém informado dos principais acontecimentos lendo o jornal *Movimento* e a *Folha de São Paulo*. Sua esposa é professora primária e em sua casa encontramos uma estante com vários livros e revistas - coisa rara em se tratando de operário - e um toca-discos tocando música popular brasileira. José diz que quase não lê livros porque não sobra tempo. Ele dá aula de educação de base na paróquia do bairro (alfabetização e um cursinho de interpretação de desenho e terminologia mecânica), durante a noite. Seu horário de trabalho é das 7 às 18:00 horas.

José Hernandez já passou por sete firmas em seus sete anos de trabalho no Brasil. É espanhol, da região de Castilla e desde 1971 está morando no Brasil. Na Espanha trabalhava na roça, onde seu pai arrendava um terreno para fazer plantações e criar gado. Trabalhou três meses na Alemanha e depois resolveu emigrar com mais três amigos. Chegando aqui foi trabalhar como ajudante numa fábrica, ganhando o salário mínimo da época. Depois foi trabalhar como auxiliar de almoxarifado, ajustador e ferramenteiro. Confessa que nesta época não participava de nenhum movimento operário porque estudava no SENAI e não sobrava tempo.

Trabalhando cerca de 240 horas e ganhando 50 cruzeiros por hora, Hernandez chega a ganhar em torno de 12 mil cruzeiros por mês. Ele diz que normalmente faz horas extras mas tem o sábado livre. Mesmo com este salário o casal dificilmente sai para viajar. “Se eu te falo que durante o ano todo eu saí duas vezes no final de semana você não acredita”, afirma ele. Continuando Hernandez diz: “Para nós que estamos querendo construir ou estamos começando a vida é fogo. Eu não tenho carro - regra geral todo ferramenteiro tem carro - e nem casa; os nossos gastos superfluos são mínimos”. Um ferramenteiro em São Paulo está ganhando entre 45 a 65 cruzeiros por hora.

Sua opinião sobre a escolha de Figueiredo para presidente é de que “isso aí qualquer operário consciente já sabia o resultado. A campanha do MDB ficou bem curta e o seu candidato ficou com medo de alcançar mais abertamente na campanha. Isso foi um jogo com cartas marcadas”. Sobre as próximas eleições diz que está apoiando os candidatos mais populares e autênticos “e por isso achamos que aqui em São Paulo o MDB vai ter uma vitória esmagadora”. O *Movimento* Custo de Vida para ele é um movimento de massas que conseguiu se tornar bastante conhecido. Mas acredita que o MCV ainda não penetrou e repercutiu no seio da massa, porque mesmo que o povo apóie ele acha que não adianta e não vai resolver nada.

“Os militares já estão por fora. A gente acha que eles devem sair, mas quem derruba eles? Quanto mais tarde eles saírem pior” comenta o metalúrgico ibérico. José acha necessário que surja um partido operário, mas ele nota que esta questão ainda não está sendo discutida dentro das fábricas. “A Comissão de Fábrica está por cima de tudo isso aí. Eu acho que no momento que a gente está, uma Comissão de Fábrica bem escolhida daria um apoio muito grande”.

José Hernandez afirma que não tem lazer, pois nenhum operário descansa sábado e domingo, eles vão fazer suas casas ou outro serviço qualquer. Para ele “a situação da grande maioria da classe operária é crítica. Onde eu trabalho a maioria dos trabalhadores são mulheres e quase todas elas recebem salários mixurucas de 10 a 12 cruzeiros por hora. O que ganham é o estritamente necessário para viver”. Enquanto a classe operária vive nestas condições, “a gente está tomando conhecimento pelo rádio e jornais da corrupção. Parece que todos os homens do governo são corruptos. Então há está aí o erro. Quem diz que o operário não se interessa em ler está enganado. Ele não compra jornal porque não tem dinheiro. Os operários sabem destas corrupções e eles acham que tem que mudar o governo”.

Com 33 anos de idade e uma filha de um ano e oito meses, José Hernandez não pensa em voltar para a Espanha. “A gente quando chega aqui encontra um monte de coisas estranhas, porque na Espanha é totalmente diferente. Depois a gente pega outras idéias de luta e se acostuma. No meu caso já acostumei completamente. Já casei com uma brasileira”, diz Hernandez. A preocupação dele agora é com a greve: “A gente estava dormindo e estávamos sonhando com ela; levantamos e falamos dela. Enfim é uma coisa que está presente em nossa mente a toda hora”. Ele está muito decepcionado e irritado com o presidente do

Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. “A gente sabia que não podia acreditar no Joaquim. Para que a gente caiu numa emboscada, ele manobrou tudo. Todo mundo estranhou a mudança radical do Joaquim, a idéia dele de se promover não deu certo. Se não foi o empultamento dele, faltou pouco. Mas em toda luta a gente consegue um trocado” desabafa o ferramenteiro espanhol.

Este operário metalúrgico que possui família e não tem carro nem televisão em sua casa diz que está pensando em continuar a greve, “mas o operário da firma tem medo de não tem o apoio do Sindicato”. E acrescenta indignado: “Pode ser que daqui pra frente a gente não mais chama o Joaquim de pelego, mas de traidor!”.

O governo com medo do povo

Porque não greve? Já não de greve? Por que não greve? O governo não oferece coisas que ainda não foram alcançadas? Como a antecipação salarial de dois em dois meses e o aumento anual além do do índice oficial fixado pelo governo?”.

Aos 27 anos, já tendo passado por 10 firmas diferentes, Antonio Franklin é ferramenteiro e ganha 65 cruzeiros por hora - perto de 13 a 14 mil cruzeiros por mês. Menos de 1 em cada 100 metalúrgicos ganham o que ele recebe por seu serviço especializado. Há seis anos ele era torneiro, e teve sorte: um ferramenteiro, seguindo-o, leva dez anos de prática de função para ser reconhecido. Não foi pelo estudo; no segundo ano colegial faltou dinheiro e ele teve de parar de estudar.

Uma casa modesta, a de Antonio, na região do Jardim Angela. Quarto, cozinha, banheiro, que ele construiu: “mas hoje não dava pra fazer mais porque o material está num preço absurdo: O BNH disse que ia fazer casa para pobre mas qual pobre consegue comprar casa do BNH?”.

Na mesinha junto à TV, jornais e revistas; é a *Folha de São Paulo* que ele mais lê, junto com *Jorge Amado*. “O cinema, comer fora, fica muito caro, são coisas supérfluas que deixando de lado” explica Antonio.

“Com esse salário não dá para ter uma vida social. A diversão que o operário tem é chegar o fim de semana e ficar com a família”. Ou na casa dos pais, para onde ele vai regularmente, já que não faz horas extras no fim de semana. Nos dias de semana ele começa a trabalhar às duas horas da tarde e larga o serviço, quando não tem horas extras, às 11 da noite.

Ele é mineiro mais veio para São Paulo aos dois anos. Seu pai tinha uma pequena firma de moldagem de concreto, mas “graças ao governo teve de fechar. Brasileiro aqui não tem vez. Brasil é o único país do mundo onde quem nasce nele não tem vez”. As coisas não melhoram muito, pensa Antonio: “A situação da classe operária é crítica e precisa ser melhorada urgentemente, dando melhores salários para ter melhores condições de vida. Na periferia você não vê melhoramentos. A água de poço é de péssima qualidade. A situação política está calamitosa. O militarismo não resolveu coisa nenhuma em parte nenhuma do mundo. O MDB não é bem a solução, mas por ser oposição nós devemos votar nele”.

Ele votaria, e acha que seria o mais votado, se tivesse um Partido dos Trabalhadores, desde que “ele fosse organizado pelos próprios trabalhadores”. Quer que o *Movimento do Custo de Vida* fosse melhor organizado, mas mesmo assim achou “valido”: “provou que o governo está com medo do povo e se o governo tem medo do povo é um governo anti-popular”.

Em frente de sua casa, do outro lado da rua, há uma grande plantação de pinheiros americanos. Não há água encanada nem rede de esgoto. O lugar é tranquilo, mas o policiamento. Quando ele e mulher trabalhavam durante o dia, a casa foi assaltada 4 vezes. Antonio conheceu um motor alemão, porque das outras vezes, “chegou a polícia e ele disseram que não podiam fazer nada”. A 13 horas despede-se da mulher, do filho de dois anos e dormindo, entra no seu volta 76 e desce a rua poeirenta e esburacada para mais um dia de serviço.

Direitos Humanos

Em emocionante sessão, Congresso abre nova etapa de luta:

Anistia para todo o povo

Reportagem:
Tânia Angarani, Luciano Martins Costa
e Nellie Solitrenick (fotos)

A mesa diretora dos trabalhos, presidida pelo advogado Luís Eduardo Greenhalgh, também presidente do CBA/SP, ladeado, entre outros, por: Lelio Basso, presidente do Tribunal Bertrand Russell; Carlos Franczoni, senador do PDC italiano (democrata-cristão), André Jacques, da Comissão Internacional de Apoio a Refugiados; Jean B. Weber, representante de 10 entidades sulistas que lutam por direitos humanos. O último à direita é Lysâneas Maciel, deputado federal do MDB, casado em 76; a seu lado, o ps. Virgílio Uchoa, representando a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).



Fala Ulysses Guimarães, o presidente nacional do MDB: "No precisamos limpar essa nação da sujeira do arbítrio." E a "vassoura" segundo Ulysses, é a anistia. Que para ele deve ser ampla e geral. A que o público, em coro, pediu que Ulysses completasse: "ampla, geral, irrestrita". E ele completou.



Um dos mais longos discursos da noite, o de d. Maria Augusta Capistrano, mulher do desaparecido David Capistrano. Seu discurso durou aproximadamente 15 minutos, entrecortado de aplausos. d. Maria disse: "Tinha certeza de que um dia o povo iria me dar a oportunidade de me confrontar com a consciência brasileira."

Foi a manifestação mais emocionante dos últimos tempos. Em alguns momentos, foi possível localizar dezenas de pessoas chorando na platéia; e quando o operário Ubiraci Dantas de Oliveira aos prantos, lembrou "o que fizeram com Manoel Fiel Filho e com Vladimir Herzog", até alguns jornalistas encarregados de cobrir a cerimônia choraram. A sessão de abertura do I Congresso Nacional pela Anistia, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, desenrolou-se quase toda nesse tom das 21 às 24 horas da última sexta-feira, com a presença de mais de 1.500 pessoas entusiasmadas.

O público era constituído, em sua maioria, de estudantes, intelectuais e profissionais liberais, coisa "muito natural" para os coordenadores do Congresso (as várias entidades que lutam por anistia), porque até agora a luta "não chegou, de fato, a ser discutida com a população". E este é um dos principais objetivos em discussão no Congresso: como levar adiante "uma bandeira que atinge a todos os brasileiros".

"O grande papel deste Congresso é desmascarar as falsas alternativas do regime: nada vai substituir a falta de anistia. Ele vai também criar condições de popularização da luta pela anistia. Essa é realmente a sua grande tarefa" - declarou a Movimento o escritor Roberto Martins, autor de *Liberdade para os Brasileiros*.

Uma das maneiras de popularizar a luta pela anistia, segundo Roberto Martins, é aceitar a proposta do Movimento Custo de Vida, que se propõe ajudar na divulgação. O Caso Herzog "criou um grande entusiasmo, abriu um caminho concreto de apuração dos crimes, não só no caso de morte e desaparecimento, como também nos casos de tortura". O escritor lembra que uma das propostas do Congresso é justamente a de se fazer um abaixo-assinado de todos os que foram torturados indicando o período, o órgão e os torturadores, exigindo a apuração dos casos. Importante ainda lembrar que a

luta só começou, "de forma organizada", em 1975, com o Movimento Feminino pela Anistia.

SINAL DE PRESSÃO

No segundo dia do Congresso, a União Estadual de Estudantes (São Paulo) propôs uma tese para a popularização da campanha pela anistia: "Quebrar o isolamento dos presos políticos fazendo caravanas de entidades, promovendo visitas coletivas, feiras de artesanatos de presos e outros acontecimentos para evitar que o governo continue isolando os prisioneiros".

Ao mesmo tempo, a baiana, Marluce Moura, mulher do "desaparecido" Gildo Macedo Lacerda, fazia pela primeira vez na vida uma declaração para uma emissora de rádio. Em longo depoimento à Rádio Bandeirantes de São Paulo, ela contou como Gildo foi preso e morto em 73, e como as autoridades se negaram a entregar-lhe o corpo e até o atestado de óbito. Para Marluce, este foi um sinal de que "as pressões pela anistia já atingem o poder, que não se atreve mais a proibir ao rádio e à TV a divulgação destes assuntos, até pouco tempo proibidos até na imprensa escrita".

"Eu vejo esse Congresso" - declarou o professor Darci Ribeiro, o primeiro reitor da Universidade de Brasília e ex-chefe da Casa Civil de João Goulart - "como resultado fatal do processo de redemocratização que já se desencadeou. Não se trata de que o povo esteja conquistando uma coisa nova, mas está reconquistando o que lhe foi tirado e lhe é de direito. Se trata de voltar a um estado normal.

Além de um ato de justiça, diz Darci Ribeiro, a anistia representará um ato de restauração "das condições mínimas indispensáveis, para que o Brasil volte a ter refflorescimento cultural, para conquistar a liberdade docente nas universidades e a liberdade de criação por parte dos artistas e intelectuais".

MILHARES AFASTADOS

O professor Darci Ribeiro, um cassado histórico, pois foi punido na primeira lista logo após a "revolução" de 64, lembra mais que "são milhares de intelectuais afastados das funções".

"Os melhores, em seus campos, e os mais combativos: fazem falta enorme, ao país. Privada deles a universidade entrou em decadência, crescendo em número e diminuindo em capacidade.

Nesse caso, diz o professor Darci Ribeiro, auto do romance *Maira* e de várias obras fundamentais para a cultura brasileira. "A anistia beneficiará estes que estão por aí, dando aula em outros países".

FALTA O POVO

Nos debates que se seguiram, no dia seguinte: abertura do Congresso, um destaque para d. Raquel Pomar, nora de Pedro Pomar, morto por força de segurança no bairro paulistano da Lapa, em fim de 76. Para ela, igualmente, "o que está faltando nessa campanha é o povo".

"Precisamos lembrar que a anistia de 45 veio com a participação popular. Claro que a guerra também ajudou, mas sem o povo ela não aconteceria".

Nem todos os injustiçados são dos "setores privilegiados da população", salientou d. Raquel. Nem todos podem viajar "atrás de uma pista de seu desaparecido".

"Eu, por exemplo, não pude mover meu morto. Os jornalistas puderam mover o mundo por Vlado Herzog porque ele era jornalista".

Raquel Pomar, com isso, estava criticando uma proposta de se dividir a campanha pela anistia em setores: estudantes, profissionais liberais, jornalistas, etc. Ela criticou também os documentos segundo os quais "quem escolheu uma milícia sabe que entre suas opções está o morto". Segundo ela, essas não foram "linhas de combate".



Na platéia, o deputado Airton Soares (MDB-SP), à esquerda; a segunda pessoa atrás dele é o jornalista Cláudio Abramo, ao lado do físico "cassado" Mario Schemberg. Duas filas à frente (aplaudindo), o candidato a senador Fernando Henrique Cardoso (SP), à sua direita, logo atrás, o candidato a deputado estadual Eduardo M. Suplicy.



A presença de familiares de mortos e "desaparecidos" foi recebida com aplausos de um auditório emocionado, de pé.

FLASHES

O Comitê Brasileiro pela Anistia, seção Rio, apresentou tese sobre a Lei de Segurança Nacional. A tese é de que a LSN não deve ser reformada, mas simplesmente revogada.

Um dos mais aplaudidos na abertura do Congresso, Lysâneas Maciel, deputado carioca cassado há 2 anos, declarou: "Estamos cansados de ouvir dizer regime, sistema... É preciso dar nome aos bois. Os responsáveis são o general Geisel, o general Médici, o general Costa e Silva. (...) Então, o general Geisel não sabe que a poucos metros daqui existe um delegado Fleury, que é um assassino e torturador? Não sabe que na Secretaria da Segurança há um tipo patológico que é candidato a deputado federal?"

Havia, presentes, parentes do capitão Carlos Lamarca, morto na Bahia, e de Carlos Marighella, morto em São Paulo. Foram aplaudidos, mas não localizados entre a platéia.

Uma das faixas presentes: "Todos juntos no Natal".

Muito aplaudida, também, a srá. Francisca Brizola, irmã do ex-deputado e ex-governador gaúcho. Ela também punida pela "revogação", pois foi aposentada em 64 quando trabalhava para o antigo IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários/RS).

Datada de 30 de outubro, vinda de Argel (Argélia), chegou moção do ex-governador pernambucano, Miguel Arrais. Um trecho: "A luta pela anistia é parte importante da luta de todo o povo por liberdades e pela construção de um regime democrático".



D. Tereza, na frente de casa, com o marido, 3 meses antes de sua morte (no colo, uma afilhada)

Viúva de Fiel Filho confiante na Justiça após o Caso Herzog: “Comecei, agora vou até o fim”

Depoimento a Sandro Villar

16/jan/75 - Manoel Fiel Filho, metalúrgico, é preso às 9h30, na fábrica Metal Arte, rua Siqueira Bueno, 668, São Paulo. Foi visto pela última vez duas horas mais tarde, quando levado à sua casa, na Vila Guarani.

17/jan/75 - Tereza de Lourdes Martins Fiel recebe em casa a notícia da morte de Manoel. Versão oficial: suicídio.

18/jan/75 - O operário é enterrado no Cemitério da Quarta Parada.

20/jan/75 - Ednardo D'Ávila Melo, comandante do II Exército, é exonerado pelo presidente Geisel. Ariel Pacca da Fonseca assume interinamente o comando.

21/jan/75 - É aberto Inquérito Policial Militar para investigar o suicídio de Manoel Fiel Filho.

07/fev/75 - Tereza depoe no IPM.

22/fev/75 - O Exército divulga o resultado do IPM.

26/fev/75 - O processo é enviado à Justiça Militar.

04/mar/75 - Arquivado o processo.

27/out/78 - Divulgada a sentença de ganho de causa à família Herzog, considerando a União culpada de prisão ilegal, tortura e morte de Vladimir.

01/nov/78 - Tereza de Lourdes Martins Fiel decide reabrir o caso Fiel Filho.

Ele foi tirado da firma às 9 e meia. E só chegou aqui em casa na hora do almoço. Da Metal Arte até aqui, é 20 minutos - não chega a 30 de carro. Mas demorou mais de duas horas para chegar aqui. Por onde eles andaram com ele, não sei. Sei que ele chegou assim, com a fisionomia estranha, branco. Parece que estava com medo de falar comigo.

Dois homens estavam com ele. Civis, né? Com roupa de paisana. Ele falou pra mim que não ficasse nervosa, que não chorasse. Que ele só ia reconhecer uma pessoa que estava presa, que viria logo. A casa foi toda revirada: revistaram tudo. É na hora em que estavam saindo falei para meu marido: “O senhor tem muita sorte, não encontramos nenhuma prova aqui”.

Comecei a chorar. Eles falaram que se ele não viesse naquele dia voltava no dia seguinte. Eu falei: Pelo amor de Deus! Não levem que eu tenho medo de ficar sozinha.

Então meu marido beijou minha testa e disse:

“Não chora, nega, eu volto logo”.

No outro dia, quando eu vi que parou um carro e que aquele senhor vinha atravessando a rua... Peguei, corri para o portão, e o homem aí perguntou pra mim: “É aqui que mora seu Manoel Fiel Filho?” Eu falei: É aqui sim. Ele falou: “A senhora é esposa dele?” Eu falei: Sou. “Olha, eu sou do Hospital das Clínicas e vim avisar que ele morreu”. Eu falei: Mas como? Morreu? Então vocês o mataram! Ele estava cheio de saúde! Ele falou: “Aqui está a roupa dele, os pertences dele”.

E foi embora.

É doloroso lembrar tudo de novo, que a minha tensão nervosa continua a mesma. Eu não posso lembrar muito do caso. Foi um caso que... Uma surpresa que pegou a gente assim desprevenida. Quer dizer, meus nervos estão tão abalados que eu não me controlo.

Não cheguei a ver o corpo de meu marido, só vi o rosto. Só no velório. Acredito e não acredito na história do suicídio. Eu não sei se é possível uma pessoa morrer enforcada numa cama. Virado de lado, deitado na cama.

Foi isso que eu soube nas dependências do Exército quando fui chamada para prestar depoimento. Eles contaram isso: ele foi encontrado morto, deitado na cama, com as meias no pescoço.

Todo mundo continua muito traumatizado com a morte dele. A família não se conforma com a morte dele. Inclusive tem um irmão dele, que eles se dão bem. Ele bem, um visitava o outro quase toda a semana. Ele não dele, de lá pra cá, nunca teve a mesma relação. A minha cunhada, às vezes, encontrava ele num canto, assim triste... Agora, há poucos dias, ele teve um infarto.

Minha filha, Márcia, é uma revoltada, eu tenho duas filhas, né? Maria Aparecida e Márcia de Fátima Fiel. Está vendo que eu pus a casa à venda porque minha filha não se conforma de ficar aqui. Ela não suporta entrar aqui na casa. Parece que dá um nervoso nela, tem vontade de sair correndo.

Na época, eu fiquei apavorada. Meus familiares não deixaram que eu ficasse em casa, com medo que eu sofresse alguma coisa também, né? Porque eu ficava aqui sozinha com as meninas. Então por isso é que fui morar com a minha irmã, lá tinha mais proteção, teria mais proteção lá do que aqui em casa. Eu não ficava assustada, também não pude falar aos repórteres, porque minha condição física não estava dando, meus nervos não davam mesmo, eu estava só sob calmantes.

Procurei o Joaquim Santos Andrade, do sindicato. Ele falou que ia ver se podia fazer alguma coisa, mas não me aconselhou a nada. Eu também não entrei muito com ele, porque eu falei: não vai adiantar nem mexer, eu sei lá... Minha família me puseram medo. Que era para eu não falar muito, que a pressão podia ser feia. Eu deixei pra lá.

Acho que nenhum advogado ia querer pegar essa causa, mas como a viúva de Vladimir Herzog pegou essa causa, levou em frente... Ela teve peito para levar o caso à frente. Então eu falei: ela teve peito, também tenho que ter essa coragem, levar esse caso à frente. Com fé em Deus, vamos levar o caso à frente.

Minha opinião é essa: agora que comecei, vou até o fim. Eu tenho certeza que meu marido é inocente. Aqui em casa, revistaram tudo, não tiveram provas. Na firma não encontraram provas. Onde estão essas provas, que eu não estava sabendo?

Há 21 anos vivia com meu marido e nunca soube que ele era metido em política. Aqui em casa, ele nunca discutiu política. Nem futebol, nem religião. Ele não gostava de discutir nada!

O meu interesse é limpar o nome dele mesmo. Inocentar ele! Primeira coisa é isso. Dinheiro já fica para os segundos planos. E nem sabia que havia advogados na Comissão Justiça e Paz. Fui lá conversar com dom Evaristo Arns, ver o que ele achava melhor para mim fazer. Mas como ele não estava lá, então me indicaram o doutor Queiroz, e eu consegui conversar com ele. Foi aí que eu soube que tinha muito advogado lá e entreguei o caso na mão deles.

Mas até hoje, quando pego alguma fotografia, algum jornal que dá o caso dele, não gosto nem de pegar nisso. Me dá aquela revolta, eu não me controlo. Tem vezes que eu não gosto nem de falar.

Eu não aguento mais esta revolta dentro de mim, esta vontade de sair gritando.

BRASIL X URUGUAI

Liberdade para Flávia

A gaúcha Flávia Inês Schilling, há 6 anos presa no Uruguai, está feliz com as últimas notícias que recebeu. Ela sabe que no Brasil, desde julho, se desencadeou uma campanha pela sua libertação. Mas Flávia não quer ter muitas esperanças, pois também sabe e conhece quem a mantém prisioneira. No mês passado, o comandante da prisão de Punta Rieles, na verdade um campo de concentração situado a 14 quilômetros de Montevideu, chamou Flávia para conversar. Foi uma conversa em tom cordial, onde ele queria saber por que existiam tantas pressões em seu favor. Ela respondeu que deveria ser em consequência de sua condição de única brasileira presa no Uruguai. O comandante mostrou ainda uma gravação de uma notícia divulgada na Europa a respeito da campanha. "Não temos nenhum interesse em mantê-la presa", disse o comandante, "mas também não podemos soltá-la sob pressão."

Por isso, a libertação de Flávia envolve uma série de jogadas políticas, de pressões e contrapressões entre o governo uruguaio e o brasileiro. Por exemplo há um mês, o cônsul geral brasileiro em Montevideu, Agenor Soares dos Santos, recebeu autorização do Itamaraty para visitar Flávia Schilling e ao mesmo tempo prestar auxílio jurídico. Até o início deste mês a visita não se concretizara, embora o porta-voz do Itamaraty, Felipe Lampreia, declarasse à imprensa que "o governo brasileiro já reiterou seu pedido de visita às autoridades uruguaias, sem obter resposta favorável".

Lampreia lembrou o precedente da expulsão do jornalista Flávio Tavares, quando a libertação só ocorreu um mês depois de negociações. Os dois casos se parecem muito, mas o direito à liberdade de Flávia Schilling está inclusive previsto na Convenção de Viena, no capítulo que trata das relações consulares. Explica o advogado Décio Freitas, contratado para defender Flávia: "Segundo a Convenção de Viena, a visita do cônsul deve ser feita na hora da autorização do Itamaraty. Depois, o consulado indica um advogado para Flávia e encaminha sua expulsão, que é a medida que os governos normalmente tomam com relação aos detidos no País".

"Preciso ver minha filha"

Como estrangeira, tendo cumprido um terço da pena, o que se completou em abril de 1976, Flávia já faz jus à liberdade e expulsão do país, como prevê a legislação militar uruguaia em vigor. Portanto, desde abril de 1976 ela está sofrendo um constrangimento ilegal à luz das próprias leis militares uruguaias, com base nas quais foi condenada.

Décio Freitas disse que esperava uma posição mais enérgica por parte do governo brasileiro, pois a questão já se coloca a nível de quebra de soberania nacional.

A brasileira Flávia Schilling está presa no Uruguai há 6 anos. Pelas leis militares uruguaias, ela já poderia ter sido libertada em 1976. Agora, as pressões pela libertação de Flávia começam a dar resultado. Mas, em parte, isso ainda depende de uma posição mais enérgica do Itamaraty.

Najar Tubino (Agência Coojornal)



Ricardo Chaves - Abril Press

Flávia Schilling: agora, em novembro, 6 anos de prisão no Uruguai



Antônio Vargas - AE

Dona Ingeborg, a mãe de Flávia: esperando uma ação mais decisiva do Itamaraty

Quando foi presa, a 24 de novembro de 1975, em Montevideu, aos 18 anos de idade, ela reagiu e acabou sendo baleada por um tiro de pistola 9 mm. Imediatamente conduzida a um hospital militar, acabou perdendo 90% de sua voz: fora atingida na laringe, faringe e epiglote. Escapou do incidente apenas por um motivo: era brasileira.

Na semana atrasada, a campanha pela libertação de Flávia ganhou novo ímpeto, com a chegada a Porto Alegre de dona Ingeborg Wesp Schilling, sua mãe. "Há 4 anos que não vejo minha filha. Fui expulsa de Montevideu em fevereiro de 1975, por motivos até hoje ignorados. Disseram que faltava um documento para que pudesse legalizar meus papéis. Nesse momento, a solução do problema de Flávia depende exclusivamente do

governo brasileiro". Dona Ingeborg estava um pouco nervosa. Fazia poucas horas que ela chegara de Buenos Aires, onde mora com o marido Paulo Schilling, economista e ex-assessor do ex-governador gaúcho Leonel Brizola e atualmente correspondente da agência *Prensa Latina*. Ela, mesmo assim, concedeu uma entrevista na sala de comissão de Justiça da Assembleia Legislativa, relatando os motivos da partida, pois há 6 anos não visita o Brasil: "Venho pedir auxílio para as autoridades brasileiras. Preciso ver minha filha". O motivo do nervosismo e pelo qual ela não comentou nada a respeito da situação do país vizinho se ficou sabendo depois: informações vindas de Montevideu davam conta de que a família estava sendo ameaçada em represália pela campanha em favor de Flávia. Mesmo assim, dona Ingeborg conseguiu algumas vitórias em Porto Alegre. Na quinta-feira conseguiu conversar por mais de uma hora com a esposa do governador gaúcho Sinval Guazzelli, dona Eclea, que se dispôs a fazer o possível pela libertação de Flávia. Dona Ingeborg aproveitou também para mandar telegramas com pedido de auxílio para as esposas de Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo. No último dia do mês ela acabou tendo de voltar a Buenos Aires, sem ter conseguido ser entrevistada no programa *Porto Alegre* do canal 10. Houve proibição da Polícia Federal, que antes já havia proibido de forma semelhante com uma entrevista que o advogado Décio Freitas daria no mesmo programa.

Trabalhos forçados

Mas uma novidade foi revelada quanto ao destino de Flávia: caso seja liberada, ela não virá mais ao Brasil, mas mudará para Lisboa. Estão sendo feitos contatos com o governo português para que ela receba uma autorização de residência, e não de asilo, como se pensava a princípio.

Enquanto isso, a gaúcha Flávia Schilling continua com gastrite crônica, a chamada doença das prisões, uma consequência direta da má alimentação e tensão, com asma e ainda muito nervosa. Sua irmã Cláudia continua visitando-a de 15 em 15 dias, conforme é permitido em *Punta Rieles*. Na verdade, há dois meses as duas não conseguem conversar direito: elas ficam separadas por uma grade e guardas femininas armadas de metralhadoras e cães amestrados. Em *Punta Rieles* estão concentradas 500 prisioneiras que fazem trabalhos forçados de agricultura e olaria, num prédio estilo colonial - o local é um antigo convento - situado num lugar descampado, cercado por arame farpado e guaritas distribuídas ao longo da cerca.

As prisões uruguaias, o inferno

Pelo menos um por cento da população do Uruguai já passou pelas prisões militares

Talvez seja o Uruguai o país do chamado "cone sul" onde a repressão se refinou mais, o que não quer dizer que não seja mais cruel. Calcula-se que pelo menos um por cento da população uruguia já tenha passado pelas mãos dos torturadores ou sido detida por algum motivo político. Lá, a morte na tortura é considerada um "acidente técnico". As vítimas devem sobreviver para disseminar sua experiência aterrorizante e intimidar o resto da oposição.

As torturas são conduzidas sob supervisão de especialistas médicos e psicólogos. Um médico sempre intervém no momento em que percebe sinais de iminência de um ataque cardíaco ou da morte pelo cansaço - há vítimas que são mantidas em pé dias inteiros, sem se alimentar ou beber, numa mesma posição. Esse é o caso da foto distribuída no começo do mês às agências de notícias, contrabandeada de uma prisão uruguia por um oficial, foto que foi entregue à ONU como prova da tortura.

Montevideu tornou-se a cidade mais sinistra da América Latina: praticamente já não existem advogados que defendam os presos políticos: eles foram mortos, estão presos ou exilados, em sua maioria.



A foto contrabandeada da prisão e entregue à ONU: dias sem alimentos, sem poder se mover, a supervisão médica impede a morte pelo cansaço.

MOVIMENTO CUSTO DE VIDA



Fotos: Jesus Carlos

O protesto das panelas vazias



Desprezado pelo governo, que não quis receber o seu abaixo-assinado monstro contra a carestia, o MCV reuniu mais de 5 mil pessoas em vários locais de São Paulo e do interior para protestar e resolver como continuar a luta

Juracy, dona-de-casa da periferia de São Paulo, colocou o problema com muita objetividade: "Não está dando para viver com um custo de vida tão alto". E, à sua frente, um público de mais de 1.500 pessoas que lotava a igreja de São Miguel Paulista, na Zona Leste, concorda entusiasticamente, respondendo a dona Juracy com um pequeno refrão: "Onde está o presidente / que não vê tanta gente?"

São Miguel Paulista foi apenas um dos locais onde, no último dia 29, o Movimento do Custo de Vida (MCV) fez meia-dúzia de manifestações simultâneas, significativamente chamadas de "protesto das panelas vazias". As reuniões - realizadas também na Zona Sul, Vila Brasilândia, Santo André, Osasco e Campinas - tiveram dois objetivos, além de, evidentemente, mostrar que "já temos as panelas, só falta o que pôr nelas".

O primeiro era protestar contra o descaso e a desfaçatez governamental, que não só não quis receber o abaixo-assinado monstro, de mais de 1 milhão de assinaturas, recolhido pelo MCV, como respondeu que as assinaturas simplesmente eram falsas. O segundo objetivo, corolário do primeiro, era descobrir novas formas de continuar sua luta pela diminuição do custo de vida, abono salarial imediato para todas as categorias de trabalhadores e aumentos salariais acima do aumento da carestia.

O presidente da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, José Carlos Dias, um dos oradores mais aplaudidos na Zona Leste, colocou uma das causas dessa situação: "95% da riqueza nacional", disse ele, "estão nas mãos de 5% da população". E basta isso, acrescentou, "para que se recorra a legitimidade dessa manifestação do povo reivindicando o poder político que lhe pertence". Declaração que foi retomada também pelo padre Francisco Moser, representante da Igreja: O povo que sofre está levantando a voz, e queremos que seu grito se torne insuportável para os poderosos desse país".

Colocado o protesto, como continuar a luta? O MCV mesmo não sabe. Segundo os coordenadores procurados por Movimento, nos mutirões organizados para propaganda das manifestações, a população "reagiu de maneira bem diferente da época do abaixo-assinado. E todo mundo está acreditando mais nas reivindicações e mostrando mais descrença no governo". Dessa forma, decidiu-se fazer uma pesquisa - pouco organizada, embora devesse começar dia 29 -, onde se perguntaria à população como continuar a luta.

Que é preciso achar novas formas não há dúvida. Para ninguém. As manifestações são prova disso. E o descaso do governo é patente por si mesmo. Uma das mulheres da Zona Leste explica: "Todos falam em distribuir a renda, mas quando o povo encontra formas de participar nisso, através do MCV, o governo procura esvaziar e proibir o Movimento", referindo-se à proibição de passeatas na véspera do "protesto das panelas". Ainda não se sabe como continuar, mas já existem propostas. "Uma das formas", explica um representante da Zona Leste, "é entrar para a campanha salarial; junto com os operários". E um dos sinais de que esse pode ser o caminho, com a aproximação do movimento grevista ao MCV, foi a recepção que teve, na Zona Sul por exemplo, um pedido de apoio às greves dos metalúrgicos, feito por um operário. O minuto de silêncio, realizado em todas as assembleias como protesto pelas crianças que morrem de fome e contra os baixos salários dos trabalhadores, pode ser o símbolo dessa aproximação.

Meio bilhão de dólares a mais,
da noite para o dia!

O castigo da dívida que cresce sozinha

Sem nenhum alarde, devagarzinho, os banqueiros internacionais vêm aumentando as taxas de juros sobre as dívidas externas dos países devedores. Graças a essa pequena e furtiva manobra, a dívida externa do Brasil aumentou em meio bilhão de dólares, apenas nos últimos 5 meses.

Alfredo Pereira

Se a OPEP tivesse se reunido e decretado um aumento de 10% nos preços do petróleo, seria um novo escândalo internacional digno de ganhar as primeiras páginas dos jornais e os horários mais nobres da televisão.

"Os árabes, de novo!" - diriam os adeptos da teoria de que tudo de errado que acontece no planeta se deve à ação conspirativa dos países produtores de petróleo. O ministro Mário Henrique Simonsen certamente lamentaria esse novo golpe no desequilibrado balanço de pagamentos do Brasil.

Mas algo muito pior do que o aumento dos preços do petróleo aconteceu (e a maioria dos jornais deu a notícia escondida no meio das páginas de economia, e o ministro Mário Henrique Simonsen ficou quietinho, fazendo de conta que nada está acontecendo): a elevação das taxas de juros nos mercados financeiros internacionais nos últimos 5 meses está representando para o Brasil um custo adicional na sua dívida externa da ordem de 500 milhões de dólares, superior portanto ao custo adicional que seria acrescentado se houvesse um aumento de 10% nos preços do petróleo.

Acontece que boa parte dos empréstimos levantados pelo Brasil no exterior é contratada com uma taxa de juros variável, e na maioria das vezes essa taxa básica é chamada *libor* (London Interbank Offered Rate - Taxa Interbancária de Londres). Assim, subindo o *libor*, sobe automaticamente o valor dos juros que temos de pagar.

De acordo com cálculos de Peter Ivastich, diretor da área internacional do Banco Comércio e Indústria de São Paulo (declarações a *Gazeta Mercantil*, 27 de outubro), cerca de 27 bilhões de dólares - do total de 40 bilhões da dívida externa brasileira - foram contratados com base no *libor*. Nos últimos 5 meses, essa taxa deu um pulo: saltou dos 8,2% ao ano, em meados de maio, para 10,3% em meados do mês passado. Fazendo as contas, esse aumento de 2 pontos no percentual do *libor*, sobre o total de 27 bilhões de dólares, significa cerca de 540 milhões de dólares de pagamento extra de juros, segundo os cálculos de Ivastich. Ou seja, uma sangria de divisas para a soma que o Brasil teria que desenvolver se a OPEP houvesse decretado um aumento de 10% no preço do petróleo, pois, nesse ano, as importações brasileiras de petróleo deverão ficar em torno de 4 bilhões de dólares; com um aumento de 10% teríamos um adicional de 400 milhões de dólares.

Para agravar, a perspectiva é de que a alta dos juros continue. Basta ver o que está acontecendo com outras taxas além do *libor*. A *prime rate*, que é a taxa de juros mínima cobrada pelos bancos norte-americanos e seus clientes preferenciais, subiu em outubro para 10,5%, sofrendo seu décimo aumento desde janeiro. Acredita-se que possa chegar até 12% no final do ano. É mais que provável, portanto, que o *libor* acompanhe a tendência da *prime rate*. Como se não bastasse isso, existem outras taxas ainda que os países tomadores de empréstimo têm de pagar, como é por exemplo a chamada *spread*, uma taxa de risco cobrada além da taxa básica de juros, uma espécie de garantia de que o credor vá pagar a dívida. Nos últimos

meses as taxas de *spread* reduziram em valor, mas tendem a se elevar novamente a partir de meados do próximo ano, segundo previsões dos bancos norte-americanos, já que a disponibilidade de dinheiro nos mercados internacionais de capital deverá começar a se estreitar nos próximos meses.

A consequência imediata de tudo isso é que o serviço (pagamentos de juros etc.) da enorme dívida externa do Brasil deverá aumentar substancialmente nos próximos anos. Fica, portanto, sem sentido a bruxaria dos nossos ministros que dizem estar a "dívida externa sob controle". Ou melhor, há um controle, sim, mas dos banqueiros internacionais.

Assim seria até preferível que o rombo em nosso balanço de pagamentos fosse causado pelo aumento do petróleo: aí, pelo menos, só pagaríamos o adicional sobre o que ainda fosse ser consumido depois do aumento. No caso do aumento das taxas de juros, ele tem efeito inflacionário, isto é, ficam encarecidos os produtos tomados já há muito tempo.

Já não seria hora de deixar de lado a desacreditada teoria da "crise do petróleo" para encarar os verdadeiros fatores da crise econômica do país, que são internos e estruturais?

O NOSSO RELATÓRIO HITE

MOVIMENTO

Publicamos, 3 semanas atrás, o questionário abaixo pela primeira vez. Naqueles dias, participando de um congresso, passava pelo Brasil a socióloga norte-americana Shere Hite, autora do já famoso relatório que leva seu nome, no qual 3 mil mulheres daquele país responderam, por escrito, a 56 perguntas sobre a sexualidade feminina. Por que Shere Hite fez aquelas perguntas a suas compatriotas? Ela diz que partiu do princípio de que a sexualidade feminina tem sido vista essencialmente como uma resposta à sexualidade masculina e achou que "é preciso vislumbrar formas de relacionamento mais pessoais, mais generosas, mais positivas".

Com objetivos semelhantes, e ainda procurando contribuir para tornar menos "maltratado" este assunto "tabu", nos dispusemos a enfrentar a "difícil tarefa". As cartas até agora recebidas nos animam a continuar coletando respostas para o "nosso" relatório Hite. "Parabéns pela iniciativa", escreve leitora de 27 anos, que entregou a carta em nossa redação.

"Geralmente, e principalmente para as mulheres, a desinformação em relação a sexo é quase total", informa ela.

Outra nos diz que está "contente" por fazermos a pesquisa. E acrescenta:

"Tomara que muitas mulheres respondam ao questionário. Nós mulheres precisamos nos conhecer melhor. O homem também precisa nos conhecer mais, assim como nós precisamos conhecê-los melhor".

Uma terceira se diz "supercontente com a iniciativa" e sugere que a pesquisa não fique só entre leitoras de Movimento - o que será feito. Continuamos recolhendo questionários e, posteriormente, publicaremos os resultados em edição que previamente anunciaremos. Nosso questionário foi elaborado a partir das 56 perguntas do relatório Hite. Não se esqueça de fazer a ficha "impessoal" e acrescentar coisas que queira acrescentar. Por ora, às que nos dedicarem a inestimável atenção, nossos sinceros agradecimentos.

1. *Você sente prazer na relação sexual?*
2. *Você tem orgasmos? Em que condições?*
3. *Você se masturba? Gosta disso? Como se sente depois de fazê-lo?*
4. *Há outras atividades sexuais que lhe trazem prazer?*
5. *Você acha fundamental haver amor para fazer sexo?*
6. *Que idade tinha quando sentiu prazer pela primeira vez? Você teve orgasmo nas primeiras relações sexuais?*
7. *Você acredita que a menopausa afeta a sexualidade? Como?*
8. *Você costuma fingir que está tendo orgasmo durante a relação sexual?*
9. *Tudo o que você aprendeu sobre sexo, foi sozinha? O que não aprendeu sozinha?*
10. *Qual a importância do sexo em sua vida?*

Ficha impessoal

*Qual a sua idade? Tem filhos? É ou foi casada?
Por quanto tempo? Você trabalha?
Em quê? Quanto ganha por mês?*

Escrevam para Movimento:
*Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625.
CEP 05415 - São Paulo - SP
A/C de Mônica Teixeira e Vera Artaxo*

Comportamento

Conceitos errôneos, doenças, alunas grávidas: a situação estava nesse pé quando a Prefeitura de São Paulo implantou, pela 1ª vez no país, um plano piloto de Orientação Sexual em 3 de suas escolas, com todo sigilo. Descobrimos uma das escolas pioneiras, na Bela Vista, e falamos com algumas das crianças. Pelo menos elas não vêm para que tanto sigilo em relação a sexo.



A experiência pode ser aplicada



Isabel: "Os meninos atazanam. Eu até bato neles."

Crianças falam sobre as aulas de educação sexual

Reportagem de Mônica Teixeira e Nellie Solitrenick (fotos)

Menina: Antes na escola que na rua.

Menino: Já sabia tudo, mas foi bom.

Risonho, *Marcelo* chega meia hora adiantado para o período vespertino de aulas, que começa ao meio-dia, na Escola Municipal de 1º Grau "Celso Leite Ribeiro Filho". Tem 13 anos, mora no bairro Bela Vista. Sua classe é a quinta série D, mista, com 36 alunos. Não quer saber por que estão lhe perguntando sobre aulas de "Orientação Sexual", vai falando à vontade. Mas não consegue transmitir muito bem o que ensinaram:

- A professora explicou o que é o ato sexual, fecundação, masturbação. Tudo, né? E o pessoal também perguntou de tudo, até de animal. Não teve muita novidade pra mim, porque aprendi antes na rua mesmo. Mas gostei das aulas. Em casa, minha mãe não achou ruim que o colégio esteja ensinando isso.

Gracinha de menino

Já faz dois anos que *Tânia* ficou menstruada. Está com 12 anos, sua classe é a quinta série A. Fala com fluência sobre sexo. A mãe é balconista:

- Orientação sexual? Ah, já acabou. Tivemos um mês de aula disso. Ensina-ram tudo sobre o corpo do homem e da mulher. Como eu não sabia muito bem de nada, achei bom mesmo ter as aulas, porque é melhor aprender na escola que na rua.

Agora, ruim eram os meninos, que ficavam rindo o tempo todo. A professora até resolveu botar pra fora.

- Na última aula, distribuíram Modd-ress pra gente, e aí que eles gozaram mesmo.

Não perguntou nada durante as aulas, mas os colegas queriam saber muitas coisas.

- Eu nunca namorei, mas eles explicaram que depois que a menina fica mens-truada precisa tomar muito cuidado. Com quê? Ah, precisa tomar cuidado!

Valéria, Isabel e Elza

As três têm 10, 11 e 12 anos, e são cole-gas de classe. Conversaram facilmente sobre as aulas, mas algumas perguntas empurraram uma para a outra. *Isabel* briga muito com os meninos. Quer ser médica, advogada ou secretária. Sua mãe é faxineira, viúva.

- Quando distribuíram o Modd-ress na última aula, os meninos ficavam cerca-ndo e atazanando: Tá usando, hem? E outras gracinhas assim. De vez em quan-do eu até bato neles, porque têm mania de ficar trocando o nome da gente. E nunca namorei com nenhum deles.

A mãe viúva não gosta muito desse negócio das aulas, tanto que *Isabel* nem falou com ela. Elas não conversam sobre essas coisas.

- Quando fiquei menstruada, nem contei nada. Disse só pra minha irmã, que tem 18 anos; ela me explicou que es-tava mesmo na hora.

Acha que deveria haver mais aulas sobre sexo. No ano passado, na quarta série, os professores tinham reunido só as meninas, para explicar o que é a menstruação. Mas foi só um dia e os me-ninos ficaram cercado, querendo saber o que era.

Das três, *Valéria* é quem tem a mãe mais aberta em relação a sexo. Segundo ela, em casa, a oposição para se tratar do assunto vem da avó:

- Eu tenho uma irmã, com 9 anos. Mi-nha mãe acha certo explicar tudo, até discutiui com minha avó por causa de minha irmã. Nas aulas, eu quis saber por que as meninas se desenvolvem mais depressa que os meninos. Acho que tem mesmo que perguntar - não tive vergonha não. Eu não sabia uma porção de coisas, e as aulas ajudaram.

A professora distribuía os textos, que são um resumo. As crianças liam e de-pois perguntavam.

- Não achei que a professora estava constrangida.

Elza, com 12 anos, também já teve a primeira menstruação. Não vive com a irmã. Queria mesmo é saber porque al-gumas mulheres não podem ter filhos, e até discutiui o problema em casa:

- A professora explicou que é por cau-sa das trompas, que podem ficar entupi-das. Conversei com minha irmã e fiquei sabendo que, às vezes, o problema de não poder ter filhos pode ser culpa do homem. A professora também explicou como é que os meninos se desenvolvem.

Ela acha que vai casar com um ho-mem de quem goste. Ela conversa muito com a irmã mais velha.

- Quando fiquei menstruada, foi ela que explicou que eu estava ficando m-cinha.

Tânia tem 13 anos, mora na quinta série A, a mesma de *Valéria*, *Isabel* *Cristina* e *Elza*.

- Gostei muito das aulas, acho que de-via ter mais. Ensina-ram o que é o ato se-xual, o que é masturbação. Mas, no fun-do, eu só não sabia o nome científico das coisas. Mas também não uso os nomes, são muito complicados.



Elza: "Vou casar. Com um homem que eu goste."

Plano sigiloso, polêmico, delicado. Por que tanto?

A primeira tentativa brasileira de implantar educação sexual, numa rede de escolas oficiais, não tem ido muito além de orientar professores para que não pulem mais o capítulo "Reprodução", do currículo de Biologia da quinta série, do primeiro grau (crianças mais ou menos entre 10 e 13 anos).

Quem reconhecia isto era o próprio secretário da Educação do município de São Paulo, Hilário Torloni, em agosto passado. Ele está patrocinando a experiência (em apenas 3 das 278 escolas de primeiro grau da capital paulista). Torloni permitiu que o Setor de Orientação Educacional de sua Secretaria implantasse o Projeto Piloto de Orientação Sexual, no segundo semestre deste ano, depois de muita discussão. E tudo cercado de muito sigilo.

Por exemplo: apesar de até ter sido divulgado nos jornais que a experiência começou a 1.º de agosto, o *Diário Oficial* municipal não disse nada. O nome dos educadores responsáveis também ficou em segredo. Só durante o primeiro congresso de educação sexual nas escolas,

que se realizou em São Paulo dias 6 e 7 de novembro, é que, a professora Anamérica Prado Marcondes, pedagoga da Prefeitura, de tanto falar no assunto, acabou assumindo que era uma das criadoras do Projeto, como coordenadora do Setor de Orientação Sexual.

Sempre se desculhando por não fornecer informações mais detalhadas, porque é tudo "secreto", Anamérica garantiu que o conteúdo do curso de "Orientação Sexual" de São Paulo é mais extenso que o simples currículo da área de Ciências Biológicas.

- Mesmo nas escolas particulares - diz Anamérica - o assunto é frequentemente encerrado em reprodução e menstruação. Conosco não: o professor fala também de ereção, ejaculação, gestação.

Dentro da carga horária das quintas séries, a orientação sexual foi desenvolvida nas aulas de Ciências, três vezes por semana. Eventualmente, uma orientadora educacional esteve presente. Segundo Anamérica a informação fica a cargo do professor de Ciências, e a formação é tarefa do orientador.



Tânia (em primeiro plano): "Os meninos ficam rindo..."

Em cada aula, os alunos discutem um texto. São 9 temas em 6 textos: 1) ereção, ejaculação e fecundação; 2) gestação e nascimento; 3) sistema reprodutor humano; 4) menstruação; 5) diferenças secundárias entre os sexos; e 6) aspectos de uma vida saudável (hábitos higiênicos).

Definição, só no ano que vem

Das discussões, passa-se a explicações do professor e, depois, abre-se espaço para perguntas das crianças. Pelo menos para as meninas, um dos assuntos é velho: a menstruação. E uma das inovações foi a distribuição de absorventes higiênicos, corando o curso na escola "Celso Leite Ribeiro". Uma "cortesia" da Johnson & Johnson's...

Oficialmente, orientadores e professores encarregados dessas aulas passaram por um trabalho especial junto à Secretaria da Educação, para se prepararem. Dois objetivos principais pretendeu-se atingir: desinibir os mestres para que não se constrangessem diante das classes; e informá-los da iniciativa mais profundamente. Os pais também foram previamente informados, para que se contasse com sua compreensão. O consentimento dos responsáveis pelas crianças, segundo Hilário Torloni, ajuda a deixar os professores mais à vontade.

Uma preocupação do secretário: acompanhar "rigorosamente" os resultados, para avaliação do plano "piloto". As definições sobre sua aplicação efetiva: só no ano que vem.

Problemas, como: namorar engravida?

Tanto sigilo para esconder quase nada. Foi isso o que sentimos depois de entrevistar 8 crianças da 5ª série da Escola Municipal de Primeiro Grau "Celso Leite Ribeiro Filho", uma das 3 em que a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo decidiu experimentar o "polêmico" plano.

Por que a polêmica? e o sigilo? As palavras são de dentro da Secretaria: para Hilário Torloni, titular da pasta, a orientação sexual nas escolas é assunto delicado; para Anamérica Prado Marcondes, a coordenadora da Orientação Sexual, não é possível nem conversar mais

longamente sobre o Projeto, para que se resguarde o nome das três escolas.

É no final, as crianças — as pessoas mais diretamente interessadas no Projeto, já que a elas é destinado — estão muito pouco preocupadas com o sigilo, com a polêmica e até mesmo com o período de um mês em que suas aulas habituais de Ciências abordaram especificamente detalhes da reprodução humana.

— Aula de sexo? Ah... Acabou na semana passada — foi a primeira reação dos alunos da escola pioneira, que fica na rua Humaitá, 480, bairro de Bela Vista — o popular "Bexiga", muito perto do centro comercial de São Paulo; na região, recentemente rasgada por novas avenidas, restam morando casas de classe média baixa.

Quando notavam certa insinceria, as crianças conseguiam falar um pouco mais, detalhar o que ficou na memória. A referência secundária foi sempre aos nomes científicos: para as crianças, parece ser difícil usá-los; e há meninas hoje em dia que ainda têm receio de que abraçar ou namorar faça ficar grávida.

Mesmo porque ninguém lhes perguntou o que queriam saber sobre o sexo.

Sexo natural e desinibido

Durante o Primeiro Congresso de Educação Sexual que aconteceu em São Paulo dias 6 e 7 deste mês, professores de escolas com mais tradição no assunto — como o padre Luís Antônio de Amaral, do colégio de padres canadenses Santa Cruz, onde se aborda sexo há 15 anos — ressaltaram que é preciso sentir primeiro as dúvidas, deixá-las aparecer; e depois começar um trabalho de formação.

No programa aplicado na escola da rua Humaitá, a questão da afetividade ligada ao sexo, se foi tocada, não apareceu nos alunos. E são difíceis os problemas vividos por garotos e garotas: as meninas reclamam "dele", os meninos garantem que sabiam tudo, faltavam os nomes científicos.

De positivo, só mesmo a intenção de tocar no assunto e o movimento que isso pode gerar, junto aos pais e professores. Aos pais, por terem que enfrentar crianças mais bem informadas e que comentam as aulas em casa. Aos professores, fica a experiência de conseguir enfrentar seus próprios problemas, e tratar de sexo com a desinibição e naturalidade que merece.

O Nosso RELATÓRIO HITE

Por Mônica Teixeira
e Vera Artacho

MOVIMENTO

Sabemos quanto pode ser delicado o assunto, para muitas e muitas pessoas. Porém com todo o respeito pelo mínimo pudor de quem quer que seja, resolvemos enfrentar o problema, mesmo correndo os riscos compreensíveis de quem se lança a uma tarefa difícil e praticamente inédita entre nós. Sexo não devia ser tratado como tabu, isto é, jamais deveria ser maltratado. Quando mais natural, acreditamos, mais sadio. Considerá-lo tabu só contribuiria para mais e mais transformá-lo em aspecto excepcional e supervalorado da personalidade, quando venturoso será o ser humano que atinja a felicidade sob suas múltiplas formas, das quais o sexo será um aspecto.

O questionário abaixo, elaborado por nossas repórteres a partir das 56 perguntas de Shere Hite a seu público americano, é nosso primeiro passo rumo ao objetivo de discutir, expor, esclarecer, tornar menos doentamente "secreta" esta função de nosso corpo. Nós gostaríamos de prestar este serviço e, para isso, contar com a ajuda de leitoras. Não queremos o nome de ninguém, apenas dados básicos, ficha impessoal. As respostas serão recebidas, apenas, pelas duas repórteres que assinam a reportagem, na redação de Movimento em mãos ou pelo Correio. Posteriormente, publicaremos os resultados em edição que previamente anunciaremos. Por ora, a todas as pessoas consultadas e às que nos dedicarem sua inestimável atenção, nossos sinceros agradecimentos, em nome de todos os nossos leitores.

1. Você sente prazer na relação sexual?
2. Você tem orgasmos? Em que condições?
3. Você se masturba? Gosta disso?
- Como se sente depois de fazê-lo?
4. Há outras atividades sexuais que lhe trazem prazer?
5. Você acha fundamental haver amor para fazer sexo?
6. Que idade tinha quando sentiu prazer pela primeira vez? Você teve orgasmo nas primeiras relações sexuais?
7. Você acredita que a menopausa afeta a sexualidade? Como?
8. Você costuma fingir que está tendo orgasmo durante a relação sexual?
9. O que você aprendeu sobre sexo que não fosse sozinha?
10. Qual a importância do sexo em sua vida?

Ficha impessoal

Qual a sua idade? Tem filhos? É ou foi casada?
Por quanto tempo?
Você trabalha? Em que? Quanto ganha por mês?

Shere Hite passou pelo Brasil. Quase despercebida pela maioria, ela foi a grande estrela do 1º Simpósio de Psicanálise de Grupo e Instituições, realizado no Rio. Mrs. Hite, socióloga americana, 35 anos é autora do primeiro livro de grande circulação com depoimentos de mulheres sobre sexualidade feminina, cujo ponto de partida foram questionários elaborados por ela e respondidos (por escrito) por 3 mil mulheres norte-americanas: "O Relatório Hite".

O livro foi proibido no Brasil 6 meses depois do seu lançamento - em março deste ano -, por ordem direta do ministro da Justiça, Armando Falcão. A alegação: "atentado a moral e aos bons costumes". Nesses 6 meses, "O Relatório Hite" sumiu das livrarias, e até hoje é procurado. Isso surpreendeu os livreiros: afinal, trata-se de um volume de 500 páginas, ao preço de Cr\$ 180,00. Encontrar um exemplar para esse trabalho não foi tão simples quanto parecia: o relatório passa de mão em mão, nunca está com o dono. Acabamos conseguindo um, 3ª edição, comprado no aeroporto do Galeão, no Rio.

- Você está interessada no "Relatório"? Eu tenho.

O livro simplesmente mostra respostas das mulheres sobre como se sentem em relação ao sexo e suas perguntas nunca tinham sido feitas antes. Shere partiu do princípio de que a sexualidade feminina tem sido vista essencialmente como uma resposta à sexualidade masculina e achou que é preciso vislumbrar formas de relacionamento mais pessoais, mais generosas, mais positivas.

No Brasil, até agora, talvez só cientistas tenham feito algo semelhante.

Em janeiro de 1967, a revista Realidade publicou um número especial sobre a mulher brasileira - foi apreendida. Recentemente, Movimento também dedicou um número a mulher - foi apreendido.

Mas o assunto não pode ser ignorado. Na pesquisa que abria o número especial de Realidade, mais de mil mulheres haviam sido entrevistadas. Um quarto delas confessava vergonha de falar sobre sexo. Entre as analfabetas, esse índice aumentava para 50%. As casadas, particularmente, já revelavam temer o assunto, mais do que as solteiras.

Ninguém sabe se isso mudou. Inicia-se nessa semana um Congresso Sobre Ensino de Educação Sexual no Brasil e, esse ano, em 8 escolas de 2º grau de São Paulo, a educação sexual foi introduzida no currículo a título de experiência. E o interesse que cada vez mais o assunto desperta entre nós, está no assédio a Shere Hite durante sua curta estada carioca; as mulheres cercavam a socióloga no Copacabana Palace, no fim de semana retrasada, perguntando até mesmo como "obter o orgasmo". Sobre seu livro apreendido no Brasil, Shere fez questão de dizer:

- Meu livro mostra o sexo como ele é agora. Está mudando a cabeça das mulheres e quem sabe não começou a mudar a cabeça da mulher de quem o proibiu."

E mais: Shere anunciou que espera lançar no próximo ano uma pesquisa idêntica - só que sobre o comportamento sexual dos homens.

Por isso, ouvimos dez mulheres de São Paulo. Falamos com elas pessoalmente. As entrevistadas, na maioria, declaram sentir prazer na relação sexual. Protegidas pelo anonimato contaram a nossas repórteres, seus hábitos íntimos.

Para todas elas, não foi fácil chegar ao prazer. E a discussão europeia e norte-americana sobre o orgasmo - clitoriano ou vaginal? - está longe de nossa realidade. Até porque em vários casos de nossa pesquisa foi preciso explicar seguidamente o significado da palavra clitoris. Esse trabalho, Shere Hite não teve.

Colher o primeiro depoimento foi o mais difícil. O assunto é tão raramente tratado por mulheres que as palavras parecem grosseiras, inadequadas, vulgares. Esperávamos a dificuldade de mulheres contarem a outras, desconhecidas, detalhes de suas vidas sexuais. Mas o que não prevíamos era o nosso constrangimento em perguntar.

- Você sente orgasmo?

A faxineira não entendeu. Aos 38 anos, viúva ganhando salário mínimo para cuidar de si e de uma filha, ela declarou que não sabe o que é. Em doze anos de casada, nunca sentiu nenhum prazer.

- Acho que é da minha natureza. Eu pensava que casar era só isso: roupa, achava que era como dois irmãos de casa, um cuidando do outro. Quando meu marido veio avançando, uma noite, me escondi no banheiro. Estava com medo, todas as calcinhas, cheia de vergonha.

Não houve nenhuma mulher entre as 10 entrevistadas que tivesse gestado da primeira relação sexual. A mais jovem delas, colegial, 17 anos, cabeça fresca, de classe média alta, com dois meses de experiência sexual, também não gostou: prefere dançar. Outra, secretária executiva, só conseguiu o orgasmo depois de ter o primeiro filho, com dois anos de vida sexual regular.

O problema é o mesmo para as mulheres que se dizem "liberadas". Leilah Assunção, dramaturga, 35 anos, perdeu a virgindade aos 22 anos. Só um ano depois conseguiu o orgasmo. Que para ela foi a primeira experiência de uma série de descobertas. Hoje, mais de dez anos depois, afirma que sente dois tipos de orgasmo: um uterino, profundo e completo; outro, clitoriano.

- Discutir onde se localiza o prazer é discutir o sexo dos anjos.

Quem diz é uma homossexual de 29 anos: ela não gosta da "penetração vaginal". E explica:

- Despir o ombro de minha parceira pode me levar ao orgasmo. Vou conhecer o ombro. Com a imaginação solta, é só curtir o corpo."

Mas até David Cooper, psiquiatra inglês, diz que "o clitoris é o rei", no livro Gramática de Viver. Uma moça de 25 anos, jornalista, só descobriu que não era sexualmente anormal quando o leu. A secretária, que não parece ter exata consciência de sua anatomia, confessa:

- O que eu gosto mesmo é da mão lá.

Mas quem desfraldou a bandeira do clitoris como única e principal fonte de prazer do corpo da mulher foram as feministas americanas, na década de 60. E passaram a usar a descoberta para combater a "escravidão sexual" a que as mulheres estão submetidas.

Mas uma prostituta de 25 anos, há sete trabalhando na noite paulista, garante que só chega ao orgasmo com a presença do membro masculino em sua vagina.

Na verdade, eu nem ligo para meu primeiro. Consigo o orgasmo sem ele, porque os homens não se importam com o que a mulher está sentindo, não se para satisfazer seu orgulho de macho.

Essa mulher tem uma filha de 7 anos, que vive no interior com os avós. Com primário completo, ela consegue ganhar 20 mil cruzeiros mensais, só fazendo "programas". Prostituiu-se logo depois de ter nascido a filha e revelou, convicta: - Toda mulher sente prazer quando está tendo filho. Eu tive orgasmo quando minha filha nasceu.

Embora não goste de se masturbar, nem de falar no assunto - foi o único momento em que desviou a conversa - sabe que a filha se masturba e não liga. Fez conta que não viu.

Como para outras mulheres, conhecer seu próprio corpo e sentir o primeiro prazer aconteceu-lhe por acaso. Criada na mesma cidade em que sua filha vive hoje, foi andando a cavalo que sentiu a primeira sensação "gostosa". Depois, até o fim da adolescência, provocou deliberadamente a masturbação.

Para muitas mulheres, a manipulação do clitoris pelo parceiro é associada à masturbação. A mesma jornalista que só sentiu normal depois de ler o livro de Cooper teve esse problema em seus 4 anos de casamento:

- Uma coisa que me preocupava muito era saber porque a masturbação da gente era tão fundamental na vida sexual. Eu fui assumir que gostava mesmo disso quando encontrei outro companheiro de vida.

Mas ela mesma não se masturba. Diz que tentou uma vez, não foi até o orgasmo porque desistiu no meio. Acredita que fazê-lo é consequência de não estar sentindo valorizada. E fica sempre surpresa quando percebe que os homens têm muito medo de masturbar uma mulher. Ou às vezes nem sabem o que é isso. Atualmente, não admite que um companheiro eventual veja o fim da relação na "penetração vaginal":

- Eu não tinha coragem antes, mas sou capaz de interromper quando estou sentindo prazer, quando o homem não me masturba.

Uma desquitada de 24 anos, produtora de rádio, atualmente morando com a mãe e que tem um namorado fixo há mais de um ano, diz que a manipulação do clitoris "é apelação". E conta: - Com meu namorado, só tenho um orgasmo por vez e, mesmo assim, às vezes ele precisa mexer no meu clitoris. Há dois meses conheci um outro homem que só o contato dos corpos já me deixa muito excitada. Com ele, já fiquei horas na cama, sem parar. E tenho vários orgasmos numa vez só, e comecei a sentir o sexo anal.

Essa moça já se masturbou muito, massageando o clitoris com a palma da mão e os dedos. Mas acha solitário de não usar quando não tem possibilidade de encontrar nenhum dos dois companheiros.

Mas nem assim uma viúva de 53 anos, de tevê, que está sozinha há dez anos, admite a masturbação. Quando a conversa chegou aí, ela pediu:

- Detalhes não importam.

Encerrou o assunto. Meio parecido com outra viúva, funcionária pública, de uma idade mas experiência completamente diversa: em sua vida, o mais comum sempre foi ter dois companheiros

de sexo, mesmo depois de ter perdido o marido. Ela começou negando que se masturbasse, mas admitiu no fim da conversa:

- Saia justa estava na moda. Aquilo aperta as pernas da gente. No ônibus cheio, balançando, eu sempre acabava sentindo desejo e, às vezes, chegava ao orgasmo.

Só mesmo a homossexual admitiu sem culpa que se masturba, gosta disso e consegue ter prazer a qualquer hora.

Desde criança, essa moça percebeu-se mais homossexual do que qualquer outra coisa. Mas passou pelo ritual do desvirginamento sem prazer aos 15 anos. Ela só não quis se identificar por medo de perder seus empregos.

Bonita, requisitada, mãe de dois filhos que adora, a secretária, 32 anos fez, ela própria, do seu primeiro orgasmo um problema:

- Perdi a virgindade aos 17 anos, com o homem que é pai de meus dois filhos. Era uma paixão louca, foi sempre muito bom ter relações com ele. Comecei a casar-me no religioso. Tive o primeiro filho aos dezenove. Eu era muito ativa nas relações sexuais, gostava mesmo muito dos carinhos dele. Logo depois que meu filho nasceu, senti o orgasmo pela primeira vez. É sempre assim: quando você ainda não sentiu, pode ter dúvidas. Mas sentindo o primeiro orgasmo, você sabe que é. Meu companheiro ficou bravo porque começou a dizer que, até ali, eu tinha fingido. No fim, fui eu que passei a não querer mais fazer sexo com ele. Porque me inibia. Continuamos juntos mais uns anos, mas nunca mais foi a mesma coisa. Acho que nossa relação começou a acabar no dia em que alcancei o orgasmo.

- A produtora de rádio está descobrindo que "sexo e amor não precisam andar de mãos dadas":

- Eu achava que sexo só era bom com amor. Mas não é assim: ternura, amizade, respeito e atração bastam.

Todas as mulheres ouvidas que já foram casadas tiveram, nessa fase, o período de maior insatisfação pessoal. O que talvez explique por que foram as casadas que mais resistiram às entrevistas. Uma delas, muito constrangida e quase se desculpando, admitiu atrapalhada que não consegue mesmo falar do assunto.

A atriz de tevê casou virgem, aos 25 anos, e só 8 meses depois da cerimônia é que conseguiu ter a primeira relação sexual. Mesmo assim, com repulsa. Durante os 10 anos de casada, sempre alegou estar cansada ou indisposta quando solicitada pelo marido. Acabou se separando, levou o filho consigo e conheceu outro homem. Com ele, já casado, nunca viveu maritalmente. Mas foi para ela um relacionamento sexual plenamente satisfatório. O único que teve em sua vida, por 5 anos.

Mas se diz uma conservadora no assunto. Não acha necessário fazer coisas "diferentes". Sem precisar, ela diz que há tempo que não faz amor.

- Acho inteiramente inútil praticar o ato sexual com um homem pelo qual eu não sinto nada. Daí, prefiro ficar sozinha do que deitar com quem não tem nenhuma importância para mim.



Shere Hite

“Acho que todo mundo devia fazer relação com respeito”

“Casei com 22 anos, fiquei 12 anos casada. Não sei o que é “gozar”. Acho que é da minha natureza. Não consigo mesmo. Mas acho bom assim mesmo. Lá na Bahia eu não namorava, a mãe não deixava. Se chegava um moço, a gente namorava pelo buraco da porta e quando a mãe via, dava aquela surra. Vim pra São Paulo com minha irmã e meu cunhado, e ele cortava meu pescoço se eu fizesse alguma coisa. Mas tive um namorado. Ele queria avançar, queria ser violento, queria botar a mão no peito, queria me levar pro escuro. Fugi dele, sabe? Fugi com medo. Aí conheci meu marido. Meu cunhado avisou:

“Se você fizer mal pra ela, te mato, viu?”

E ele não abusou. Antes de casar eu não sabia o que ia acontecer. Aí perguntei para minha patroa o que se fazia casado. Ela falou que depois eu ia saber. Eu tinha ouvido umas coisas, que homem queria tirar a roupa da gente, mas meu marido era bom, eu achava que ele não ia fazer isso.

Eu pensava que casar era só pra lavar roupa, compreende, achava que era que nem dois irmãos dentro de casa, um cuidando do outro. Aí na primeira noite, eu percebi que ele queria ser avançado. Me escondi no banheiro com um bocado de roupa, cheia de vergonha. Eu tava com todas as calcinhas que tinha, me tranquei. Ele chamava, ria de mim. Eu explicava que em Xique-Xique não era assim, era diferente. E foi indo, foi indo. Ele era bom pra mim, era meu marido, me explicou que “aqui era diferente”, e foi. Mas doeu muito, achei ruim e fiquei morta de vergonha. Mas foi indo devagar, eu meio cabrera. Ele falava que eu era boba, aí fui olhando nos olhos dele devagar. Mas pra cara de meu cu-

nhado e minha irmã eu morria de vergonha de olhar, achava que ela lia na minha cara o que eu tinha feito. Depois fui acostumando a olhar para minha irmã e também com as coisas.

Depois que enchiu, saí duas vezes com um cara, fui pra cama com ele, mas na hora que tá bom, ele acaba e pronto, que nem meu marido. Eu falei pra ele. E ele disse: “Porque você não goza?” Eu falei pra ele que não sabia. Acabei largando dele.

Eu bem que tinha vontade, mas tenho medo de pegar qualquer um e pegar doença.

Eu fico com aquela vontade, fico com aquele nervoso, mas não ponho a mão em mim, não. Coisa diferente nunca fiz nem vou fazer. Eu queria ir assim com um cara bom, mas tenho medo que ele fique contando pra todo mundo depois. Aí quando eu fico com muita vontade, vejo aqueles beijos, tanto romance, nas revistas, na televisão. Aí saio, me distraio, vou pra casa da minha irmã. Fico nervosa, confusa, mas não posso fazer nada, tenho muito complexo. E sabe do que eu tenho mais medo? Que o homem queira que eu faça coisas. Eles lêem esses livros sujos e ficam com umas idéias. E tenho medo de pegar doença na boca também, cruz credo! Também acho horrível homem fazer isso com mulher, isso não é natural, é rebalxeira, sou contra isso!

“Acho que todo mundo devia fazer relações com respeito”. Esta mulher é faxineira, tem 38 anos de idade, está há quase 20 anos em São Paulo. Ela falou a **Movimento** em seu emprego, durante o horário de trabalho, que vai das 12 às 22 horas. Ganha salário mínimo, e relaciona-se bem com os colegas. Conversa facilmente e aparenta menos idade que tem.

“Temos panela, só falta o que pôr nela”

Brasilândia



No Pátio da Igreja Santo Antônio, na Vila Brasilândia, com a presença de mais ou menos mil e trezentas pessoas, foi realizada a assembleia da Região Oeste do Movimento de Custo de Vida. As faixas na parede frontal da igreja: “Abaixo a carestia e os cartazes”, “Temos panelas, mas falta o que colocar nelas”. Quatro cartazes da Rota cercavam o pátio da igreja.

Houve apresentação da peça “Ida à Brasília”, pelo grupo Toca de Campo Limpo. O trabalho denunciava, toda a insensibilidade e desdém das autoridades, frente um povo sofrido, que se organiza para reivindicar seus direitos básicos.

A seguir foi lido um documento que deixava claro a razão da assembleia que protestava contra o governo, responsável pela situação em que se encontra o povo.

O padre Macedo, vigário geral da Região Lapa (Oeste) lembrou da situação do povo do Amazonas, que não tem sequer condições de se organizar, porque não tem o mínimo de informação. Enfatizou que um quilo de café, em 1976 era Cr\$ 76,00. E o povo é obrigado a tomar chá de folha de café.

“Se o boi tivesse consciência da força que tem, não mais puxava o carro. O mesmo acontece com o povo. Não adianta só rezar pelos que sofrem mas sim, participar da luta dos que sofrem”.

A Frente Nacional do Trabalho alertou que a maioria dos participantes do movimento, são trabalhadores, portanto, todos já fomos informados da notícia da morte do operário Nelson Pereira de Jesus, da Alfa, assassinado pelo patrão, quando reclamava do pagamento errado.

Pediu um minuto de silêncio, e explicitou:

“O fato se deu no relacionamento patrão e empregado”. Ressaltou também a situação do homem do campo, pequenos camponeses sendo expulso da região do Alto e Baixo São Francisco. “Só resta o seguinte: os trabalhadores se organizarem e fazerem frente para a luta”.

Levanta-se uma faixa contra o arrocho salarial.

A oposição sindical dos metalúrgicos de São Paulo, falou da resistência dos companheiros de Betim-Minas Gerais. Foi denunciada a política de arrocho salarial da classe patronal, que não permite organização dos trabalhadores enquanto trabalhadores. Foi proposto também um comitê de apoio aos grevistas.

A Associação AJURE da Brasilândia, que visa promover cultura popular, falou em apoio ao Movimento que luta pelos direitos elementares do homem e ressaltou: “Pelo fim do regime militar”. Um representante da SACARAMA, entidade cultural do bairro, disse: “O governo não foi eleito pelo povo e, não pode avaliar o desejo do povo”. Um representante do Jardim São Francisco, caracterizou a situação do povo no seu dia-a-dia, quando falou:

“A gente vai às feiras com o dinheiro na sacola e volta com a mercadoria no bolso”.

O plenário não se conteve um só minuto. Uma moradora no Jardim Vista Alegre colocou de maneira clara a situação das crianças da periferia, “que não têm condições nem de serem crianças”. “Logo cedo elas enfrentam o duro das garras dos patrões. Se não fosse os salários dos nossos maridos, não teria necessidade de nossos filhos irem trabalhar tão cedo, haveria mais condições para estudar e viver com saúde. Pois a gente comia um pouco mais... Os moradores da periferia, esmagados pelas condições injustas, não estão vivendo, e sim, vegetando”.

Moradores de Osasco também mostraram um profundo ressentimento pela situação em que se encontram as crianças da periferia. Um representante da favela Santa Isabel:

“Não adianta reformas e costuras, na tentativa de renovar a sociedade capitalista. O que é preciso é uma sociedade nova, onde a terra é do povo e não das elites”.

A mesa falou da ida do Movimento à Brasília, o desapontamento que foi dispensado a uma comissão de 21 integrantes, representando um milhão e trezentas mil pessoas. Evidenciou, que lá só é recebido, e com festas, os financistas, fazendeiros e o empresariado. O plenário bateu panelas.

São Miguel Paulista

São 16 horas e algumas pessoas estão em frente à Igreja Matriz de São Miguel Paulista. Do alto-falante um dos organizadores do Movimento Custo de Vida convoca todo mundo para entrar na igreja, pois a garoa começa a cair com mais insistência. No coreto da praça em frente, os oradores de uma seita se inflamam ainda mais, diante da correria do pessoal, numa estranha movimentação dirigida especialmente na tentativa de tentar esvaziar a assembléia contra a carestia na Zona Leste. Para estas poucas pessoas foram colocados, inclusive, cinco ônibus da CMTC à disposição. Mas se a intenção foi uma, o resultado foi outro — e a igreja ficou lotada com umas 1.500 pessoas.

Dois policiais desceram de uma das 5 viaturas da Rota e tentaram prender operários, mas diante da pressão do povo eles desistiram da manobra. Recolheram alguns folhetos e voltaram aos caminhões, estacionados nas proximidades da igreja. Aos poucos a igreja ficava lotada, e a chuva ajudando, o alto-falante convocando todo mundo para dentro.

No meio daquele povo todo, faixas com inscrições que dão bem a idéia das necessidades mais urgentes para todo mundo: "Um País tão rico e um povo tão pobre"; "Pior do que o salário mínimo só a fome"; "Fome — 4 letras que não nos deixam viver"; "Não me iludo com demagogia nem concordo com a carestia"; "Brasil pra frente, operário pra trás"; "Apoiamos os 500 mil metalúrgicos em greve"; "Trabalhamos muito e passamos fome"; "Aluguel sufoca o povo"; "Cristo, o Brasil tem fome"; "Temos panela, falta o que pôr nela"; "Terra para o povo trabalhar"; "Comer é luxo"; "Abaixo a carestia!"; "Quando sobe a gasolina, quem paga o pato é o operário".

Havia muitas senhoras com panelas, e alguns jovens com suas marmitas, exibidas ao alto nos momentos mais inflamados da assembléia.

Foi feita uma história



do Movimento Custo de Vida, que nasceu de um clube de mães da periferia de São Paulo e que hoje ganha amplitude nacional. Trata-se de um movimento ordeiro que vai ao povo, que faz mutirão, vai à praça, à rua. Foi lida também, moção de apoio de organizações de várias regiões da zona leste.

Maria do Socorro de Almeida, representante da Comissão de Direitos Humanos do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel disse que nossos direitos não são respeitados. "Temos direito a salário, alimentação, moradia, trabalho, lazer, participação nas decisões, a nos organizarmos, a fazer greve, a protestar, a sermos informados das coisas que acontecem. Mas as autoridades não querem nos escutar. Estivemos todos juntos na luta pelo fim do lixo do Itaim, nas porteiras, na água, na luta contra a violência policial. Estamos, enfim, lutando em defesa dos nossos direitos".

José Carlos Dias, presidente da Comissão Justiça e Paz mesmo sem o microfone, que apresentava defeito, usando de todas as suas forças, fez um discurso interrompido várias vezes por aplausos e gritos em coro: "Abaixo a carestia, nossa panela está vazia", "Queremos mais salários", "Abaixo a repressão, mais arroz e mais feijão".

"O significado da minha presença é testemunhar que a Comissão Justiça e Paz só pode existir, só tem razão de existir enquanto for portavoza da reivindicação do povo. Ela existe para lu-

tar pela Democracia brasileira, pelo Estado de Direito. Mas isso não é só. Não adianta um Estado de Direito que seja só um Estado formal, que não represente a Justiça que está ao lado dos privilegiados quando deveria estar com o povo. Cinco por cento da riqueza nacional é espalhada por 95% da população brasileira, e 95% da riqueza concentrada em 5% dessa população. Isso só é suficiente para que se reconheça esse movimento popular".

"O que é que o povo pede, exige, reivindica? É a sua participação. Que o seu trabalho seja reivindicativo. Neste momento quando as panelas se levantam (o povo levantava a panela e gritava e aplaudia) ... Estas panelas são o símbolo de nossas armas. Não usaremos outras armas que não essas panelas. Basta! Basta de opressão!".

Jamil Murad, do Sindicato dos Médicos de São Paulo, informou que a cada meia hora morre uma pessoa; que temos 10 milhões de barrigas d'água e outros 10 milhões de doentes mentais. "A atual política de saúde não favorece nem a população nem aos profissionais de saúde. Os remédios são produzidos pelas multinacionais. Quem paga a assistência médica é o trabalhador, com 8% do seu salário, e esse dinheiro enriquece as empresas médicas. Os donos

dessas empresas só visam lucro".

Francisco Pinheiro, vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado, disse que essa luta era também da categoria, e que "estamos dando o primeiro passo para não termos panela vazia nem opressão", citando também a notícia recente sobre o processo ganho pela família de Vladimir Herzog contra a União.

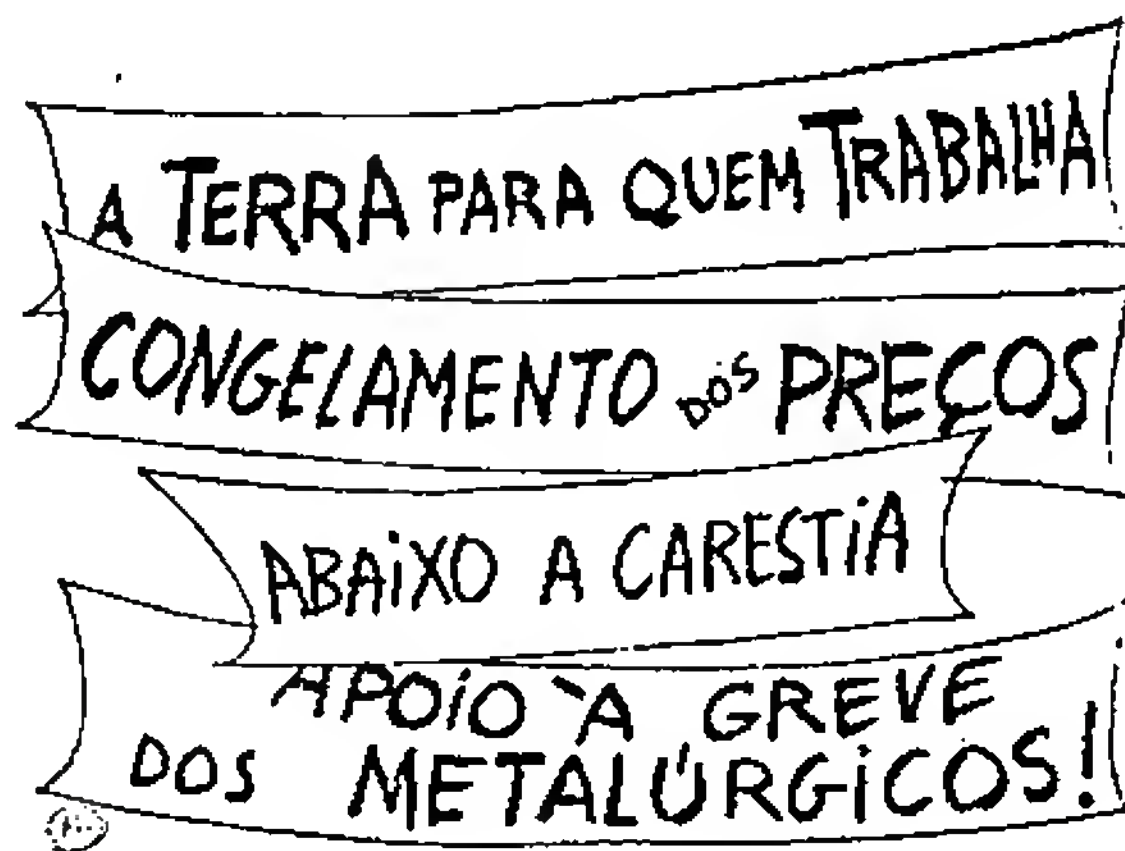
Padre Francisco Moser, representante de D. Angélico (que estava viajando), disse que só a força do povo é quem vai resolver os problemas que ele está sofrendo, quando o rico fica cada vez mais rico e o operário é cada vez mais espoliado.

Inácio, metalúrgico de Artur Alvim, declarou que somos a mão-de-obra mais barata do mundo, e que as multinacionais transformaram o operariado brasileiro em objeto de suas ambições. Eudália, do Cangaíba, perguntou emocionada: "Onde está o presidente?". Eliseo, operário também de Cangaíba, ressaltou que "todo mundo tem que perder o medo de falar, de se reunir".

A mesa pediu para que um provocador, no final da igreja, desocupasse o lugar. E que o povo não aceitasse essa provocação, comum em dias de assembléia popular. Em seguida pediu para todos assinarem a lista, que seria enviada no dia seguinte, pelo correio, ao Presidente.

Muitas vezes todo mundo repetia, em coro, palavras de ordem como "Abaixo a opressão, mais arroz e mais feijão". Foi feito pedido para que não se portassem faixas nem cartazes ao sair, devido à repressão policial. As mulheres guardavam as panelas nas bolsas

Cidade Dutra



Apesar da forte chuva e dos vários carros de Rota e do Tático Móvel, o salão paroquial da Igreja de Cidade Dutra, Zona Sul, esteve lotado na tarde de domingo: cerca de 2.000 moradores compareceram à assembleia contra a carestia.

No grande salão inúmeras cartazes: "Sr. Presidente, vamos plantar para nossa alimentação e não para exportação"; "Sr. presidente, o sangue do povo está na barriga do tubarão"; "O Brasil é feito por nós, mas o presidente não ouve a nossa voz"; "Metalúrgicos em greve pedem apoio e apoiem o Movimento Custo de Vida"; e "É hora de união pela liberdade e pelo pão".

Vários donos de casa e operários traziam panelas vazias, como símbolo das más condições de vida, e muitas faixas.

A manifestação, como afirmaram os representantes da mesa, tinha como primeiro objetivo a protesto: "Protesto contra o não recebimento em Brasília das 1 milhão e trezentas mil assinaturas clamando dos preços e do salário. Protesto contra policiamento na praça da Sé, quando do ato de entrega do abaixo-assinado. Protesto contra a postura do governo dizendo que nossas assinaturas eram falsas. Será que nossa fome também é falsa".

O segundo objetivo era o de dar continuidade ao trabalho. Para isso várias propostas e apoio a entidades foram dados. O primeiro a falar foi Fernando Veloso, membro da Oposição Metalúrgica de São Paulo, que trouxe como proposta dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos a criação de comitês de apoio à greve que se iniciaria, com sucesso, na segunda-feira, dia 30. "A luta do operário tem que se casar com a luta da dona de casa, do estudante, do lavrador, enfim, a luta de todos os oprimidos, para acabar com a falta de liberdade e a miséria".

Posteriormente um representante do Sindicato dos Jornalistas denunciou o desprezo do governo e finalizou gritando a palavra de ordem "abaixo a carestia", na qual foi seguido por todos.

Padre José, da Paróquia do Jardim Primavera, falando pelo Bispo de Santo Amaro, Dom Mauro Morelli, relacionou a postura da Igreja em lutar junto com o povo. "A Igreja não pode mais viver no ambíguo. Deve dar total apoio a tudo que nasce do povo, porque este é oprimido".

Outra entidade a se manifestar foi a Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo: "As assistentes sociais não querem mais confundir seu papel com o dos policiais... Ultimamente, companheiros estão sendo despedidos do emprego, por não cumprirem a ordem do poder. Um poder que não representa a maioria. Um poder que se enriquece às custas desta mesma maioria".

Após o pronunciamento das entidades, foi lido por um membro da Pastoral do Setor Cupecê, a carta que explica a justiça das três reivindicações. O momento de protesto iniciou-se com o pronunciamento de uma dos 21 donos de casa e operários que foram a Brasília levar as reivindicações do MCV e as assinaturas.

Toda a história foi contada humildemente por Maria que concluiu: "O governo está distanciado do povo como o céu da terra... Enquanto nós estávamos com os pacotes de assinaturas, eles nos esperavam com baionetas".

"Abaixo a Carestia, que a panela está vazia" e "Terra para quem trabalha", foram as palavras de ordem gritadas por todos, antes de ocorrer o "um minuto de silêncio", como forma de protesto.

Ao final do protesto, um coordenador da MCV deu a palavra a todos que quisessem se expressar "contra este sistema injusto". Vinte pessoas imediatamente se inscreveram e a assessoria da mesa teve que cessar as inscrições porque a assembleia já durava duas horas.

Uma dona de casa falou na possibilidade de se fazer uma vigília no Natal em protesto contra os preços altos, "porque é nesta época que a exploração aumenta mais". Ela também falou da necessidade de se expandir mais o MCV para outros Estados.

Uma outra dona de casa falou da necessidade da mulher se libertar, "deixar de ser objeto de uso do homem e da sociedade", e concluiu conclamando os companheiros a votarem em candidatas populares, inclusive em mulheres, como forma de prosseguimento da luta.

Novamente a formação de comitês de apoio à greve dos metalúrgicos foi lembrada por um operário da Villares. "Todos os trabalhadores devem se unir numa palavra: Abaixo a Exploração".

ABC

No ABC, a assembléia contra a carestia reuniu cerca de 500 pessoas no Instituto Coração de Jesus, em Santo André. Trabalhadores e donas de casa se pronunciaram sobre o congelamento de preços, aumento do salário e abono salarial imediato. A dificuldade de se viver com um salário baixo e os preços de aluguel e de gêneros alimentícios muito altos foram os problemas mais levantados nos depoimentos do povo.

"A gente não acha um cômodo e cozinha por menos de 1 milhão e o salário mínimo é de 1 milhão e quinhentos" — dizia uma senhora. Outra reclamava: "A gente não pode nem comer as coisas direito mais. Tá tudo muito custoso".

Benedito Marcílio, pre-

sidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Mauá e Ribeirão Pires, criticando a não-atenção do Presidente para com os representantes do Movimento Custo de Vida que o procuraram em Brasília, afirmou que "mais uma vez a voz dos trabalhadores, a voz do povo não foi ouvida".

Um homem que se identificou como Francisco Gon-

çalves, ao dar seu depoimento, deturpou os objetivos da assembléia, criticando o prefeito da cidade de Santo André. Ele questionava se a melhor forma de acabar com a alta do custo de vida não era votar para prefeitos que obrigam os moradores a construir muros e calçadas. Diante desta afirmação, o povo respondeu com uma violenta vaia, convidando-o a se retirar.

Não houve, nesta assembléia do ABC, a esperada exibição de panelas vazias, mas, à leitura do documento-base, todos gritavam:

"O operário passa mal"; "Fim ao arrocho salarial"; "Terra pro lavrador plantar e os preços congelar"; "É preciso segurar o aumento, queremos congelamento".

Todos se deram as mãos e após um minuto de silêncio, proclamaram de novo a um só tempo as palavras de ordem: "Abaixo a carestia que a panela está vazia, Temos a panela e não temos o que por nela, Como pode um Presidente enganar a tanta gente".

É a primeira vez que o povo daquela região se une para o problema do custo de vida.



Igreja discute a importância do voto

Para o bem comum é necessária e obrigatória participação séria e responsável de todo o cidadão brasileiro nas próximas eleições. Todos os cidadãos têm o direito e o dever de votar com liberdade para promover o bem comum. Os cristãos devem ter consciência da importância particular e geral que possuem na comunidade política. Em virtude desta vocação, estão obrigados a dar exemplo de sentido de responsabilidade e serviço ao bem comum. (ABC das eleições). Apesar de poucas, o voto ainda tem algu-

mas oportunidades de manifestar suas opiniões, através do voto, durante as eleições. Por isso, é necessário que a utilize bem e vote conscientemente, visando ao bem-estar da comunidade e não apenas interesses pessoais.

Algumas normas práticas para os eleitores, como a de que eles não devem anular o voto, não votar em alguém só por ser amigo ou parente, essas coisas. A Igreja da Região Episcopal Oeste 2 distribuiu 50 mil exemplares da cartilha de Osasco. Publicamos o documento na íntegra na página 5.

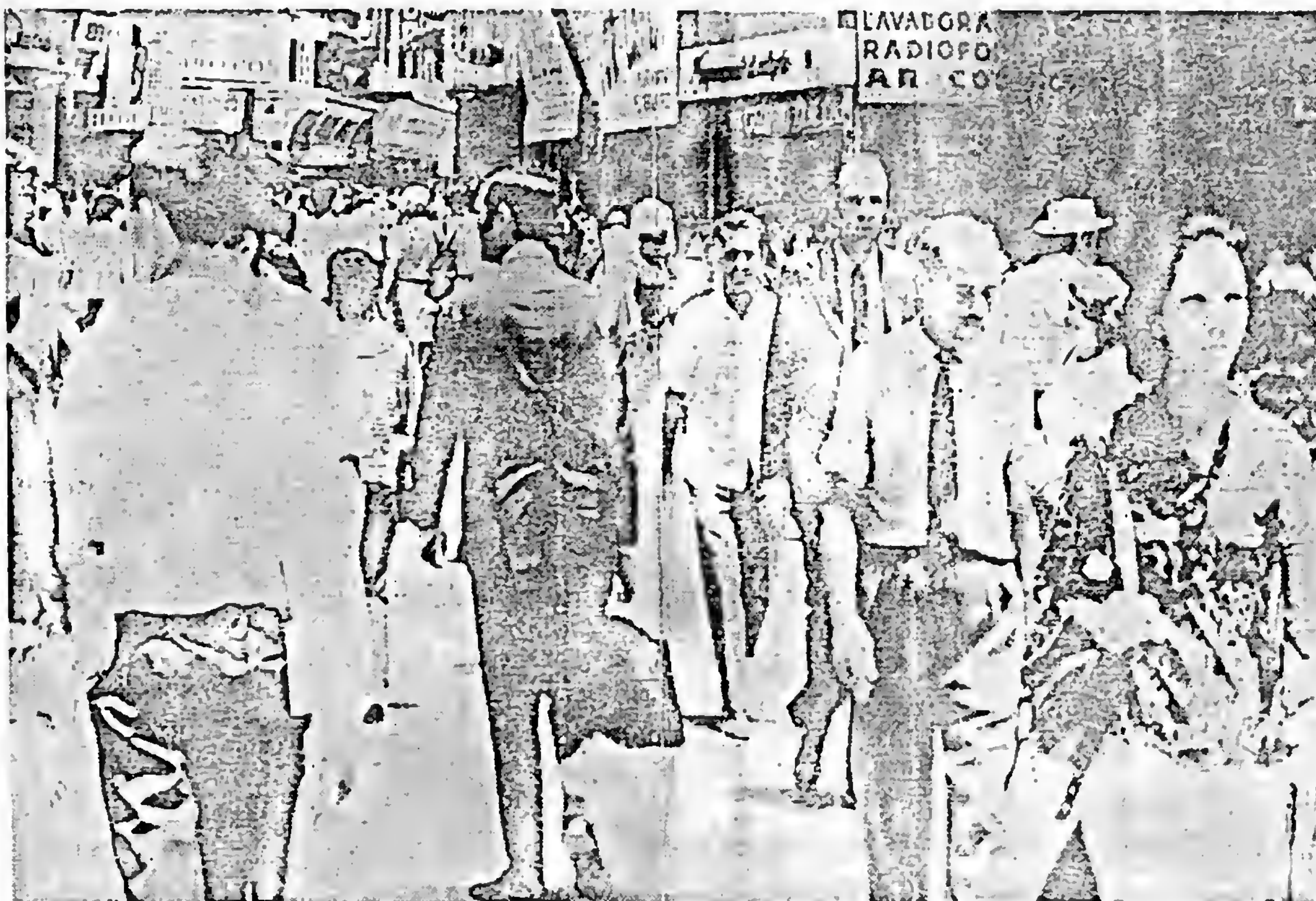
A missão da Igreja

"Realizando a sua missão, a Igreja busca orientar-se pelos critérios da Fé, que comentam os postulados da razão e natureza humana. Mostra o sentido último do homem e do mundo à luz da Ressurreição de Cristo, manifestação definitiva do sentido da história. Para a Igreja, a Fé deve ordenar toda a vida do homem e todas as suas atividades, também as que se referem à ordem política." (n.º 4)

"A ordem política está sujeita à ordem moral. A Igreja, iluminada pela Fé, procura definir como sempre maior clareza às exigências que da ordem moral decorrem para a ordem política.

Nós, Pastores, temos consciência de não termos exorbitando de nossa missão, quando proclamamos estas exigências e exortamos os cristãos a assumirem sua função específica na construção da sociedade de acordo com os princípios." (n.º 5)
EXIGÊNCIAS CRISTÃS DE UMA ORDEM POLITICA

País enfrenta desafio histórico



A greve dos operários pelos 70 por cento

Na 3.ª feira, segundo dia de greve dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, havia 300 mil operários parados. Na véspera eram 250 mil em greve. Isso de acordo com o Sindicato, mas na DRT chegavam informes de que eram 92 mil em greve. Desta vez houve punições por parte dos patrões, mas a luta é para que elas não se concretizem. Já chega o repasse do aumento conquistado nas últimas greves da categoria, de maio a agosto passado, com os quais os operários não concordaram de jeito nenhum. Os pelegos manobram bem. Tanto que os trabalhadores teriam de votar na 4.ª feira, pela aceitação ou não da contra-proposta patronal.

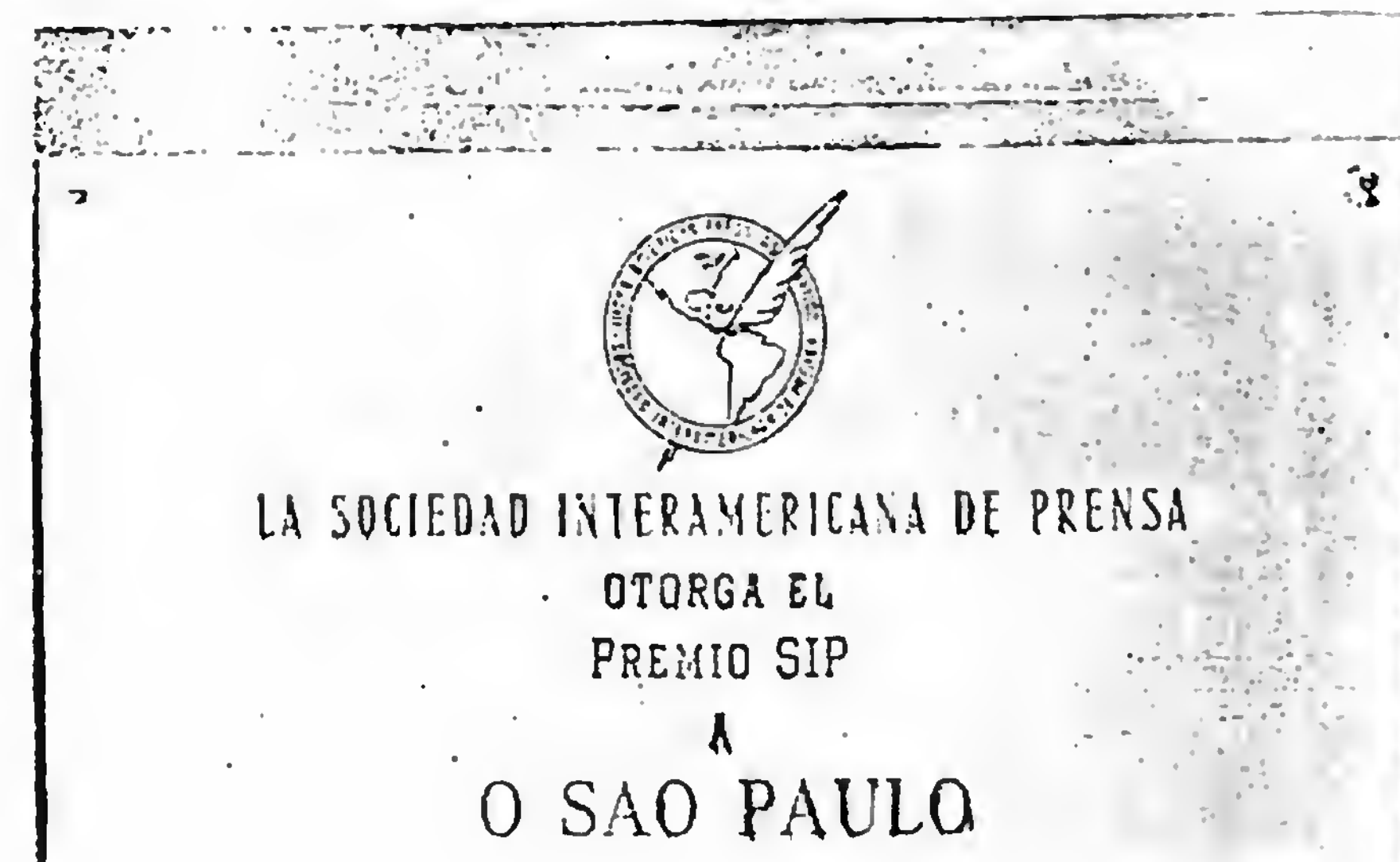
Esta é a placa de metal, prêmio por 6 anos de resistência ao arbítrio da censura prévia imposta ao OSP. Para nos premiar a SIP lançou-se no mandado de segurança que impetramos contra o governo e, mais ainda, à forma que encontramos para alertar e conscientizar o povo da violência

"O Brasil atravessa um momento de transição de um estado de exceção para um estado de normalidade. É sempre um momento difícil, tanto mais difícil, quanto mais longo e mais duro o período de exceção. Difícil pela erupção das forças reprimidas, das frustrações contidas."

Com estas palavras a Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil inicia um documento intitulado: "Reflexão sobre a Situação Nacional".

O documento fala dos riscos da precipitação e dos riscos da omissão: Lei de Segurança Nacional, Emancipação do Índio, Corrupção, Projeto Social. Leia na página 3.

A resistência contra o arbítrio



Liberalização e a "Lei de Segurança"

o encaminhamento ao Congresso pouco aquilo que consistência da lei sobre segurança nacional. Logo no da proposta lei, são emitidos as que, por inteligência, bem, no texto de penal, porque, de serem jurídicos eminentemente

procurador Hêlio Bicudo em edição página 9, na Justiça e Paz para "fala sobre o de Lei de Segurança Nacional que foi chado pelo pre da República ao Nsso Nacional pa-

ra apreciação no prazo de quarenta dias. Depois de explicar o que significa a mudança, que na realidade não há, e das intenções liberalizantes, que não existem, ele termina:

"A lei que virá continuará a ser aplicada pela Justiça Militar, constituída, agora, sem dúvida alguma, porque sacramentada por lei votada pelo Congresso, em justiça especial, de exceção, pois aos civis deve ser resguardado o direito de julgamento por tribunais civis. Lendo o projeto a impressão é de que a abertura é mais uma manobra."

Liberdade e segurança

"A segurança, como privilégio de um sistema, acabaria por constituir-se em fonte última de direito, criando, alterando e derrogando normas jurídicas em função dos interesses do próprio sistema. Aprofundar-se-ia, um perigoso distanciamento entre o Estado e a Nação, entre o Estado identificado com um sistema e a Nação não participante, cuja participação fosse tolerada na medida em que sirva para fortalecer um sistema. O distanciamento está na origem de todos os regimes totalitários de direita ou de esquerda que são sempre a negação do bem comum e dos princípios cristãos." (n.º 38)

"Por melhores e mais bem intencionadas sejam as pessoas que participam de um regime, dificilmente poderão se libertar dos princípios ideológicos. Vale a advertência de Paulo VI: "O cristão haurirá nas fontes de fé e no ensino da Igreja os princípios e critérios oportunos, para evitar de deixar-se fascinar e depois aprisionar num sistema, cujas consequências e cujo totalitarismo ele se arrisca a ver, só quando é já demasiado tarde, se apercebe deles nas suas ruínas". (Det. n.º 36)." (n.º 39)

CIÊNCIAS CRISTAS DE UMA
DEMOCRACIA

de até 55% de aumento, ou 42% como fixa o governo, caso o julgamento do processo fosse pelo Tribunal Regional do Trabalho. Então, como frisaram os pelegos, a briga não seria mais contra os patrões, e sim contra a justiça. Houve uma contra argumentação: "Então quer dizer que a justiça está ao lado dos patrões?" Nós descrevemos a greve na página 4. O Grupo Economia e Povo-GEP, fala da luta por maiores salários. Cita o Dieese: "Hoje o salário do metalúrgico deveria ser 74% maior para que ele pudesse comprar as mesmas coisas que em 1964", para concluir que "70% não é uma porcentagem absurda". Quem fez o Brasil ficar mais rico? Foram os trabalhadores, só que a cada dia eles estão mais pobres, diz ainda o GEP.

Cajá foi solto: luta pelos pobres continua

Cajá teve sua prisão preventiva revogada na 3.ª feira, juntamente com mais sete jovens indiciados no mesmo processo. Membro da Coordenação da Pastoral da Juventude, da Arquidiocese de Olinda e Recife, Cajá denunciou que sua prisão visou atingir o movimento estudantil e a Igreja Católica, que são as duas instituições que mais atuam em favor dos direitos humanos, na argumentação da própria Polícia Federal. Cajá, como é conhecido Edval Nunes da Silva, que no julgamento há meses denunciou ter sido barbaramente torturado pelos policiais, mesmo sabendo que retornaria aos cárceres depois, acrescentou que "eles desejavam me prender, e confessaram isso lá. Achavam que calariam o movimento estudantil e a Igreja". Como membro da Comissão Justiça e Paz, Cajá disse que fez o que pôde em favor dos direitos humanos. "Acho que sofri e isso é o testemunho de todas as pessoas que se empenham em defesa do povo, correndo o risco de serem até mortas".

que sofriamos ao legítimo direito de expressão: "os espaços em branco foram a mais eficaz forma de protesto".

POR SU DESTACADA LABOR PERIODÍSTICA
DURANTE EL AÑO 1977
MIAMI, 1978

A Assembléia das Panelas Vazias



Mesmo com algumas tentativas visando a não-realização da assembléia do Movimento Custo de Vida, como a do governador do Estado que falou em passeata, o povo se reuniu nas Igrejas de São Miguel, Brasília, Cidade Dutra e ABC, no domingo passado. Foi uma maravilha: todo

mundo gritando forte contra a carestia, contra a opressão, o medo, a fome, o baixo salário. Apoiando a greve dos metalúrgicos, cantando em coro: "Não me iludo com a carestia, nem concordo com a demagogia". A assembléia teve o apoio de entidades como a Comissão

Justiça e Paz, o Sindicato dos Jornalistas, etc., e lá fora peruas da Rota e Tático Móvel, criadas e mantidas para repressão aos movimentos de massa, ao invés de dar segurança ao povo, renderam à espera do que chamam de "baderneiros". Mas não houve nenhuma

precipitação, e até os jornais diários deram manchetes como: "Realizada assembléia pacífica", como se o povo fosse violento. Nas Igrejas não houve menos de duas mil pessoas em cada uma delas, uma prova de que o movimento tem legitimidade popular. Última página.